Parte I

Professor: Qual foi a impressão de vocês sobre a vida de Santa Teresa? O que marcou, o que não marcou, o que interessou, o que não interessou, o que confundiu.

Aluno: A simplicidade, o drama.

Professor: Vocês chegaram a dar uma olhada no Livro da Vida ou no Castelo Interior?

Aluno: Eu comecei a ler o Livro da Vida. Ela é extremamente simples.

Professor: Santa Teresa é extremamente espontânea e simples; ela simplesmente vai expressando os pensamentos mais naturais dela e o caráter dela não mudou da infância para a idade adulta. Aumentou o conhecimento, mas a inclinação espontânea dela continua a mesma.

Aluno: E essa luta dela, todos contra dentro da igreja...

Professor: Isso é um sintoma do que nós falamos que começou a acontecer gerações antes, que é um sintoma que nós já constatamos na vida do próprio Santo Inácio. Já existe uma desarmonia, uma ruptura mesmo entre a estrutura da igreja, o povo em geral e os santos.

Até a Idade Média existia um razoável entendimento entre essas três partes e a função de cada uma delas no mundo cristão. Todo mundo sabia que o povo cristão tem que ir para o céu, que esse é o propósito dele e que para isso ele tem que se manter dentro de determinadas condições.

Como ele faz para se manter dentro dessas condições?

É simples, ele observa o exemplo dos santos que vão aparecendo a cada geração. Esses santos ficam sendo uma referência para cada lugar e tempo. A referência das escrituras não é suficiente. Se o sujeito pega os quatro evangelhos e lê agora, ele se pergunta o que ele tem que fazer, como ele se enquadra naquilo. Ele se pergunta se é para fazer tudo o que Cristo fez, o que os discípulos dele fizeram, mas como se faz isso na prática. Os evangelhos não são uma referência suficiente.

Por que os apóstolos entregaram os evangelhos para a segunda geração de cristãos, ou seja, aquela que recebeu o cristianismo dos apóstolos e não diretamente de Cristo?

Para mostrar que o que o povo via que eles estavam fazendo era o que era feito na geração anterior. Os evangelhos são no cristianismo uma referência abstrata, já para a segunda geração. Eles são como uma pintura do que é aquilo, uma obra representando nas suas linhas gerais.

Os evangelhos e o Novo Testamento nunca tiveram no cristianismo o tipo de importância que o Antigo Testamento tem para os judeus, ou que o Alcorão tem para os muçulmanos.

Você pode dizer que toda a espiritualidade cristã se reduz ao evangelho, mas como o sujeito sabia o que era essa espiritualidade? Ele olhava os santos na época dele. E o que a hierarquia fazia? A hierarquia olhava o povo, para ver quem eram os principais santos, apontava-os como modelos e ao mesmo tempo garantia para o povo a ortodoxia deles. Ela falava que o que essas pessoas faziam realmente era o que Cristo mandou fazer. Isso são os três papéis indispensáveis no conjunto da sociedade espiritual.

[Aluno faz comentário sobre Santa Teresa]

No século XVI, a coisa ainda funciona, mas as engrenagens já estão meio gastas. Parece que você tem que fazer muita força para obter o mesmo resultado que poucas gerações antes o sujeito obtinha quase espontaneamente.

Também é interessante que com Santa Teresa, aliás, não só com ela, mas na época dela e ela era um grande exemplo, começa a surgir um tipo de santo que se encarrega de um tipo de trabalho que os antigos santos não faziam. Então começa a aparecer pessoas como o Francisco de Osuna, como Santa Teresa, que começam a escrever manuais sobre vida espiritual ou descrições as mais detalhadas possíveis, da vida espiritual, porque em pouco tempo o santo vivo não mais poderia servir de

referência, ele não possuiria mais autoridade pública que só poderia ser dada pela hierarquia da igreja.

Num certo sentido, o protestantismo, na sua origem, também é uma tentativa de fazer exatamente isso, de tentar criar alguma referência que não dependa de uma estrutura hierárquica permanente porque ela não vai mais dar autorização para fazer o que simplesmente é o cristianismo.

É claro que ninguém nunca foi canonizado antes de morrer, mas até então os santos eram em vida apontados como exemplos pela hierarquia. Do século XVI em diante eles só são apontados como exemplos para as gerações que vêm depois deles.

Aluno: Mas até o século XVI eles eram apontados como exemplos por quem? Professor: Pelos bispos que são o topo da hierarquia.

Por exemplo: a ordem franciscana cresceu tanto, não só pelo brilho

espiritual de São Francisco, mas também porque em cada lugar que ele ia, um bispo falava que ele era a salvação em pessoa.

Aluno: E isso era falado para o povo?

Professor: Os bispos falavam para o povo, eles tem essa incumbência. São Paulo define a função do bispo quando um dos discípulos dele é nomeado bispo. Quando Timóteo é consagrado bispo, ele fala: "caro Timóteo sua função é olhar a comunidade e ver e apontar aquilo que é bom na tua comunidade. E tome muito cuidado para não sufocar a obra do Espírito Santo com o teu poder regulador". Essa é a descrição do que foi exercido até então. O bispo olhava a comunidade, apontava os mais santos e quando isso começasse a crescer e viesse a ocorrer algum desvio, ele podaria as arestas, mas tomando cuidado, pois o desvio poderia ser dele. Isso quer dizer que a hierarquia tinha que ter, pelo menos, uma afinidade intelectual muito grande com os santos. Os doutrinários tinham que ter uma ampla compreensão daquela doutrina e alguma afinidade existencial com os santos também.

Se nós olharmos a história do cristianismo, nós percebemos que de tempos em tempos o mundo cristão enfrentava alguns problemas graves que podiam até descristianizar a área do mundo que já era cristianizada e é justamente nesses momentos em que surgiam os santos cruciais que eram apontados como exemplos. Santo Antão foi um deles, São Francisco, Santo Agostinho e Santo Alberto Magno também; eles conseguiram integrar um aspecto da vida que poderia ser incorporado no cristianismo.

Por exemplo: Santo Antão com o arianismo, que falou que não poderia ser incorporado ao cristianismo; Santo Alberto Magno com Aristóteles e as ciências naturais, que falou que isso poderia ser integrado ao cristianismo; a mesma coisa com Santo Agostinho, o platonismo e o neoplatonismo.

Nesses momentos cruciais era importante que a hierarquia estivesse consciente de quem era o grande santo na época, tanto que todos esses sujeitos, Santo Antão, Santo Agostinho, Santo Alberto Magno foram insistentemente convidados a se tornarem bispos, tamanha era a consciência que a hierarquia tinha de que aqueles sujeitos eram santos.

Aluno: Foi o que faltou para Lutero e Calvino.

Professor: Foi o que faltou, mas porque a igreja nem conseguia entender o que aquele sujeito estava falando. Na época deles a hierarquia já tinha esquecido qual era o seu papel, que era confirmar algumas coisas e das coisas confirmadas esperar que elas crescessem e então podar as arestas porque tudo o que cresce perde um pouco do seu caráter original.

Teve alguns erros do mesmo tipo anteriores na história da igreja. Teve o problema dos monofisitas que, no final, parece que não eram hereges, mas tinham uma expressão mais complexa da doutrina e que foram excluídos do ambiente cristão.

Os monofisitas eram um grupo de bispos que foram acusados de acreditar que o Cristo só tinha uma natureza, mas na verdade, eles afirmavam que a natureza humana dele era única, existiam características na humanidade de Cristo que são únicas.

Teve o caso do grande cisma, o cisma entre a Igreja Oriental e a Igreja Ocidental, em que uma não reconhecia a outra. Existiram alguns episódios anteriores, mas o episodio crucial na história do cristianismo quanto a essa função dos bispos, na minha opinião, foi o episódio com os espirituais dominicanos e franciscanos.

Algumas gerações depois de São Domingos e São Francisco as duas ordens estavam em uma confusão total, pois elas eram imensas, nunca haviam existido ordens tão grandes. Havia, por exemplo, a ordem beneditina que era grande como aquelas, ou até maior, mas era feita de unidades autocéfalas, quer dizer, os mosteiros e as congregações eram independentes de outros mosteiros, então São Benedito fundou cento e vinte mosteiros e cada um tinha um chefe independente do outro, eles não formavam uma unidade hierarquia. A ordem dominicana e franciscana tinha um chefe geral, que dava diretrizes para toda a ordem. Elas cresceram imensamente e dentro delas começam as dissensões sobre como deve ser cumprida a regra de cada uma dessas ordens.

Para os franciscanos, eles deveriam continuar não encostando em dinheiro, não podendo ter propriedades e começaram a surgir grandes divergências sobre isso. Na ordem franciscana existia a linha dos espirituais, eles diziam que os franciscanos deveriam continuar cumprindo estritamente as regras da ordem, mas para que isso acontecesse o sujeito precisava passar por um período de preparo. O que os espirituais tinham feito era mais ou menos criar um sistema para que o sujeito conseguisse se tornar franciscano, era um sistema seletivo, que iria selecionar as pessoas. Os dominicanos chegaram a uma solução diferente: eles tinham que continuar cumprindo estritamente as regras da ordem, mas para se tornar dominicano, o sujeito tinha que fazer um voto temporário de três meses; voltava para o mundo por seis meses; voltava para a ordem por seis meses. Eles também criaram todo um sistema, embasado em certas práticas e linhas espirituais. Cada um desses sistemas tinha como base um método de oração, meditação, jejum que preparava e ao final filtrava o sujeito que servia para aquilo. Ao mesmo tempo, o sujeito que não entrava definitivamente para a ordem, ele também tinha recebido uma série de frutos espirituais e esses frutos iriam voltar para o mundo.

Essas duas facções eram extremamente minoritárias. A imensa maioria dos membros da ordem não estava disposto a aplicar esses métodos e essa maioria fez um grande esforço político para marginalizar os espirituais dominicanos e franciscanos. Chegou uma hora que o Papa não agüentava mais as discussões franciscanas, as guerras mendicantes, que ele simplesmente falou que era proibida a prática estrita dessas regras, não podia mais viver como São Francisco e São Domingos viveram.

A solução para os espirituais dominicanos e franciscanos foi se recolher para dentro de clausuras, mas isso foi um grande erro estratégico. Esses santos eram o principal farol da luz cristã naquela época. Ao mesmo tempo, logo depois que eles foram recolhidos para a clausura começou uma campanha de perseguição aos escritos deles. Eles nunca foram completamente condenados, mas ficaram restritos dentro dessas ordens.

Essa é a primeira vez que nós vemos uma ruptura clara entre os santos e a hierarquia. Esses homens que foram cerceados pela hierarquia não eram hereges, de fato não estão fora do cristianismo. Eles não eram como os arianos, os gnósticos, como os albigenses, pelo contrário, eles estavam estritamente dentro da ortodoxia e simplesmente não eram compreendidos pela hierarquia.

Acontecia que, pela primeira vez na história do cristianismo, as linhagens de espiritualidade principais, no caso a dominicana e a franciscana estavam nas mãos de pessoas de incrível qualificação intelectual e filosófica. Quem esboçava a espiritualidade franciscana e dominicana era gente como São Tomás de Aquino, Santo Alberto Magno, São Boaventura. Isso quer dizer que a doutrina por trás daqueles métodos era extremamente sutil. Aconteceu que a hierarquia, que não tinha o mesmo grau de instrução deles, não conseguiu entender o que eles estavam falando e como não conseguiu entender, disse que o que eles estavam falando era confuso. Não que a

coisa em si mesma fosse confusa, mas era aos olhos do bispo que não tinha preparo para entender aquilo.

Cento e cinqüenta anos depois, quando é o tempo de Santa Teresa e Santo Inácio, a hierarquia já esqueceu que o papel dela era pegar o que era bom. A hierarquia começou a criar diretrizes e dizia ao povo que se eles fizessem uma tal coisa, eram bons. A hierarquia queria santos, mas dentro daquelas categorias especificas.

Algumas pessoas ficam santas dentro desses padrões que eles pediam, outras não, porque elas não têm temperamento para ficarem santos assim e outras pessoas ainda, se fizerem isso, não ficarão santas. O problema aqui está no elemento de descontinuidade que existia entre o Espírito Santo e o ser humano. Embora existam algumas obras que são boas, não necessariamente você vá ficar santo com elas. Depende da real disposição subjetiva com que você faz isso neste quadro. O processo de santificação não é só um processo de reduzir a sua vida a tais e tais obras. É um processo pelo qual tudo o que você faz tem que se tornar expressão da sua busca por Deus, só que algumas pessoas foram feitas para fazer umas coisas, e outras pessoas, para fazer outras coisas. Se você só permite que seja santo o sujeito que faz "a", "b" e "c", todas as pessoas que nasceram para fazer "d", "e", "f" e assim por diante não vão ficar santas.

É nessa época que começa a acontecer esse efeito que é tão comum na sociedade hoje, que é dizer que a santidade é para um grupo de pessoas, para padres, monges e para nós tem a vida deste mundo. É nessa época que o mundo começa a se secularizar. Até o século XIII, XIV a história da Europa era de cristianização e espiritualização. Do século XIV adiante, ela passa a ser uma história de secularização.

No tempo de Santo Inácio e Santa Teresa começa a surgir santos assim. O que Santa Teresa faz? Ela começa a descrever o que foi a vida espiritual para ela, ela descreve as experiências intimas dela ligadas a vida espiritual para que isso sirva de referência para uma geração futura. Ela faz isso porque ela mesma só pode agir sobre as monjas dela. Isso acontece porque o direito canônico, que se tornou um corpo formal imenso, estabelece que uma abadessa não pode sair pregar para o povo em geral. No tempo de Santa Clara, ninguém jamais pensaria que ela não poderia sair do seu mosteiro e pregar para o povo em geral, ela poderia fazer o que quisesse, e se ela fizesse alguma coisa errada, o povo iria reclamar. Essa era a idéia.

O que é interessante em Santa Teresa, e talvez tenha sido a primeira vez que isso acontece na história do cristianismo, é alguém descrever o que foi acontecendo com ela desde que era uma pessoa comum até se tornar santa. O interessante é que ela descreve isso do ponto de vista psicológico, ela vai olhando tudo o que acontece na alma dela, na mente dela. Ela vai fazendo muito pouca referência ao que ela vai fazendo exteriormente. A primeira vez que ela escreve essas coisas, ela escreve no Livro da Vida, a pedido do confessor.

Mais ou menos vinte anos depois de escrever o Livro da Vida, ela escreve o Castelo Interior, em que ela descreve as mesmas experiências, mas não como dela. Ela fala que a alma é uma estrutura análoga a de um castelo em que você tem círculos cada vez mais internos, e quando você estiver passando por esses círculos, você vai passar por certas experiências, e ela menciona as experiências pelas quais ela passou, mas a referência é outra. Isso é interessante porque é a primeira vez na história da espiritualidade cristã que alguém faz um mapa da alma.

Isso é a coisa mais interessante de Santa Teresa. Mesmo porque ela faz esse mapa não como São Tomás ou São Boaventura. Eles fazem um mapa da alma no sentido de quais são as faculdades ou capacidades que a alma apresenta e eles falam que existe uma hierarquia entre essas capacidades.

Por exemplo: Existe a capacidade de percepção sensorial, essa é uma coisa. Você também tem a capacidade de percepção estimativa, que é outra coisa e assim por diante.

Santa Teresa não faz um mapa assim, de capacidades. Ela simplesmente fala que quando você olhar para a sua alma, o que você vai ver, se você estiver num

estado de oração exterior, é tal coisa. Se você estiver um pouco mais interiorizado, você verá outra coisa. É um mapa das experiências que o sujeito pode ter da alma dele. Isso é inédito na história do cristianismo.

É interessante que mais ou menos na mesma época, talvez alguns séculos antes, surgem coisas semelhantes entre os muçulmanos da Espanha. Eles começam a fazer relatos e mapas da experiência da alma. Talvez isso tenha alguma ligação com o próprio caráter étnico do espanhol, talvez eles tenham uma facilidade para fazer isso, para pensar na alma assim.

Nós podemos dizer que a principal obra de Santa Teresa, embora ela tenha grandes obras de ter reformado o Carmelo, é de fato ter descrito a alma assim. Quer dizer, como é a alma de um sujeito que está em pecado mortal, do sujeito cuja consciência está fora da alma dele? Como é o sujeito que testemunha o mundo não como uma subjetividade humana, mas como uma subjetividade infra-humana? Depois, quando o sujeito começa a testemunhar o mundo como um sujeito humano, o que acontece? Qual a primeira diferença?

Aluno: E qual é?

Professor: Ela fala que a primeira diferença é que o primeiro sujeito tinha uma forte impressão de segurança nos seus próprios estados psicológicos, no subumano. A sensação de segurança dele provinha simplesmente da aceitação dos seus próprios estados psicológicos momentâneos.

[Alunos fazem comentários]

Professor: Isso é a experiência que o Cristo chama de as trevas exteriores. Ele fala que são exteriores porque é uma consciência fora de si mesma. Ela não tem nenhuma referência interna, as referências dela são todas externas, todas dependem do fluxo de fenômenos externos.

Por exemplo: o sujeito que é assim não sabe o que ele quer, porque não existe uma coisa que ele quer. Cada hora ele quer uma coisa e vai sendo levado pela corrente.

Aluno: Qual é o primeiro ato de consciência?

Professor: É quando o sujeito se da conta da tremenda insegurança que é este estado de corresponder ao fluxo de fenômenos exteriores. Santo Agostinho já falava que geralmente isso acontece quando o sujeito passa por uma tragédia muito grande, uma rasteira do destino. Geralmente é uma rasteira do destino que leva o sujeito a perceber que a vida não tem segurança nenhuma, que ele não detém, em nenhuma medida, o controle.

Quando o sujeito descobre isso, se ele já tinha alguma noticia de religião, ele imediatamente perceberá, e isso é uma percepção espontânea da alma humana, que a segurança verdadeira é Deus. Basta que ele tenha tido noticia formal da religião. Se ele tiver ouvido de religião com suficiente freqüência, quando ele enfrentar essa situação, imediatamente ele perceberá que a segurança vem de Deus. A segurança que ele tinha era como uma imagem inversa dessa.

Nesse estágio, o sujeito só pode ter uma segurança fora dele. A questão é: ter uma segurança nos fenômenos, ou ter uma segurança em Deus. Nos dois casos ele está buscando segurança, o desejo de segurança é normal. O problema é o sujeito se satisfazer com uma fonte de segurança que não é realmente segura. Ele não pode esperar que o fluxo dos fenômenos sempre vá favorecê-lo. Então, algum dia ele vai morrer, e esses fenômenos não vão estar a favor dele de modo nenhum.

O outro meio pelo qual o sujeito pode chegar a isso se ele começar a refletir que todas as noções de bem e mal são meramente subjetivas e derivam de experiências sensoriais imediatas. Se o sujeito fizer uma pequena recapitulação da história dele, e principalmente da história dos valores dele, ele vai ver que esses valores variaram segundo as circunstancias e que ele nunca teve a menor idéia do que é bom para ele. Isso induz ao mesmo estado.

Aluno: São sete estágios? Esses são os primeiros?

Professor: Isso, são sete moradas e esse é a primeira delas. Quando o sujeito percebe que não tem segurança, o "eu" que ele esta falando já é interno a alma dele.

Quando o sujeito fala "eu gosto disso, e não gosto daquilo", esse "eu" não é a alma dele. É natural que o sujeito não se mantenha num estado infra- humano. Tanto é que na sociedade normal, a maior parte das pessoas não está nesse estado. Santa Teresa diz que na sociedade espanhola, na época dela, ela via que a maior parte das pessoas está na terceira morada.

Quando o sujeito descobre então que ele não tem nenhuma segurança, e ele está falando de um "eu" psicológico real, por exemplo, "eu" ignoro o que é o mundo, "eu" ignoro o que é a vida, "eu" ignoro essas coisas concretamente e portanto ele está realmente num estado de insegurança. Percebam que essa consciência é como o alicerce no indivíduo que é a condição humana. A partir daí, o progresso espiritual consiste no consolidar a afinidade do indivíduo com a fonte verdadeira de segurança. O sujeito nunca vai passar a dizer que está seguro, mas sempre vai existir uma hora em que ele vai ter tanta afinidade com a fonte de segurança e a simpatia mútua entre ele e a fonte de segurança é tão grande que dificilmente ele será lançado a um estado real de insegurança.

Resumindo, vai aumentar nele a experiência da fonte de segurança e a afinidade subjetiva dele com essa fonte. Nesse momento inicial é Deus, mas Deus é uma coisa estranha e distante.

Santa Teresa diz que esse momento é ideal para o sujeito começar uma vida de oração, ou seja, quando o sujeito se dá conta que ele está realmente num estado de insegurança e nisso ela inova, pois é uma coisa que Santo Agostinho não falava. Ela explica que isso será o alicerce da vida espiritual do sujeito. A consciência de que ele não sabe para onde vai a vida dele, no que vai dar a vida dele é a melhor base para a vida espiritual.

Mesmo o sujeito que tenha um grande preparo espiritual ele sabe que para a alma humana existem vários destinos e mesmo que ele tenha uma consciência doutrinal disso, ele não tem como demonstrar que o destino individual dele é um ou outro. Existe uma descontinuidade entre a doutrina e o indivíduo.

Porque existe essa descontinuidade?

Em termos metafísicos essa descontinuidade existe porque o indivíduo, a individualidade é parte o sujeito e parte o mundo. Num certo sentido, o "eu" concreto é feito de "eu" humano e de mundo e até o fim nós não vamos saber se o que nós chamamos "eu" é só o "eu" humano ou é o mundo. Enquanto nós não nos separarmos do mundo, nós não vamos saber.

Aluno: O "eu" sou eu e as circunstâncias.

Professor: Então, a minha vida é integrar as circunstâncias no "eu" ou desintegrar o "eu" nas circunstâncias. É porque, todo e qualquer processo de fazer uma biografia humana é ou uma coisa ou outra que é fácil dizer que depois da morte você vai para o inferno ou para o paraíso. Ou você continua o processo de desintegrar o "eu" na circunstância ou o processo de integrar a circunstância no "eu". Não existe uma terceira alternativa.

Resumindo, a escolha que aparece para o primeiro sujeito, a escolha de quando ele percebe que está num estado de insegurança, é que ou ele tenta basear a segurança em algo que por definição é seguro, Deus, mas que é existencialmente distante, ou ele tenta voltar e tentar de novo algo que é existencialmente próximo, mas intelectualmente confuso. Na prática, o sujeito escolher que vai basear sua segurança em Deus, consiste, numa certa medida, em escolher que existe um elemento do "eu" que é independente das circunstâncias, que é independente do seu circulo existencial imediato. Isso implica em nenhum controle, só em aceitação. Algum controle o sujeito só vai ter no final.

Veja bem, o "eu" humano real é um "eu" espiritual. Isso quer dizer que ele é aquilo que ele se torna, ele não tem uma natureza especifica, não é que nem o corpo. O corpo nunca vai virar sol e o eu subjetivo continuar o mesmo, mas a alma humana não é assim, ela pode se tornar qualquer coisa. Isso quer dizer que na medida em que ela vai criando uma afinidade com Deus, numa certa medida ela se torna Deus.

Por exemplo: você pode treinar o seu corpo para ele se tornar mais forte ou para ele se tornar mais rápido, ou para que o seu reflexo diante de determinadas ações, determinados movimentos seja rápido como um jogador de basquete, de vôlei, de futebol ou um lutador de artes marciais. Ele treina para que o corpo tenha certas capacidades e não outras, quer dizer, o seu corpo pode mudar de uma coisa para outra, pode mudar de corpo infantil para corpo adulto, mas ele pode mudar de infantil para titânio e você continuar sendo você mesmo? De corpo infantil humano para corpo adulto de cavalo? Isso não pode acontecer. Isso quer dizer que existe um limite existencial formal para as mudanças do seu corpo. O seu corpo é algo que se distingue das outras coisas dentro da mesma ordem, ele tem uma natureza, um princípio interno ou intrínseco de mudança. Enquanto ele muda dentro desse princípio, ele continua sendo especificamente o mesmo, se ele mudar para além desse princípio, deixa de ser ele mesmo, passa a ser outra coisa. Isso vale para todo e qualquer corpo existe dentro de uma natureza, possui uma natureza. A alma humana não possui realmente uma natureza específica, ela não tem uma quididade. A alma humana pode ser qualquer coisa, justamente por não ter uma natureza específica.

Aluno: Mas ainda que ela venha a ser qualquer coisa ela não está submetida aos eventos mundanos que ela não vai controlar?

Professor: É claro que ela não vai controlar os eventos do mundo, mas a ligação dela com esses eventos é enquanto ela tem corpo, é só por um tempo.

Por exemplo: nós não podemos fazer uma escultura de água ou de oxigênio, mas nós podemos fazer uma escultura de bronze ou de mármore porque a natureza do mármore oferece essa oportunidade e a natureza da água não. Para você fazer uma escultura de água, ela precisa deixar de ser água, porque água é uma maneira da matéria se comportar. A própria noção água corresponde a isso. Quando você fala madeira, pedra, água, você não está falando apenas de matéria, você está falando que a água é uma matéria que se comporta de tal maneira. O nome, a palavra água não significa apenas um ente material, mas um ente material que se comporta de tal maneira. Quando você fala de alma humana, você está falando de um ente imaterial, mas você não está delimitando a maneira de comportamento.

Efetivamente, falar "alma humana" é falar muito pouco. Enquanto nós estamos vivos aqui, por exemplo, meu corpo não pode se tornar corpo de leão, mas quando eu morrer, minha alma pode se tornar alma de leão. Essa é uma possibilidade para a alma humana. Isso quer dizer que a alma humana é transcendente em relação a quididade do ente individual. Se não fosse possível para a minha alma se tornar infra-humana, o inferno seria impossível para ela. Ela pode ser divina ou corpórea.

O que determina essas possibilidades?

O que você conhece efetivamente é que determina essas possibilidades por experiência direta, não por experiência inferida.

Aluno: Não pode ser por experiência inferida?

Professor: Não porque a experiência inferida é uma experiência potencial. Aluno: Não é equivalente a fé?

Professor: Não, não é equivalente a fé. A fé não é uma experiência inferida,

porque a fé é uma escolha e é uma escolha real. Você escolhe acreditar e aceitar uma tal verdade.

Então, a experiência inferida não é suficiente, é necessária uma experiência completa e direta. Isso quer dizer que se uma determinada alma humana experimentasse Deus diretamente, ela seria idêntica a Deus.

No campo espiritual, a alma humana é análoga ao que é a matéria no campo corporal.

Por exemplo: Nós temos aqui uma matéria. Essa matéria se comporta de tal jeito e quando ela se comporta desse tal jeito ela é água. Agora nós a transformamos fisicamente em ferro. A alma humana é da mesma natureza.

Qual é a diferença entre a alma humana e a matéria?

Para a matéria nem todas as coisas são possíveis. A matéria é um campo de possibilidades, mas é limitado. A alma humana é um campo de possibilidades

ilimitado. A matéria pode se tornar em muitas coisas, mas não em qualquer coisa, mas a alma pode.

Pode chegar uma hora em que o grau de experiência que o sujeito tem de Deus é tão grande que de fato ele escreve no destino dele junto com Deus, porque ele e Deus sob certo aspecto são uma mesma coisa.

Esses sete estágios são estágios de aproximação entre o "eu" e Deus. Da sétima em diante é uma aproximação entre Deus e Deus porque Deus inclui Nele mesmo, infinitos modos Dele se conhecer e o santo é um modo de Deus conhecer a Ele mesmo.

Deus olha para um santo e diz: "Eu sou isso aí". E o santo olha para Deus e fala: "eu sou isso aí", mas às vezes as coisas que eles estão olhando são diferentes. É isso que quer dizer quando se fala que ninguém conheceu Deus e não morreu, só Deus conhece Deus, mas existe no ser humano algo que não é realmente distinto de Deus.

O que é o sujeito que morreu?

É o sujeito que não pode, não tem mais meios, a experiência que ele tem dele mesmo já é tão profunda que ele não tem mais como se confundir com outra coisa. Essa outra coisa era o que antes ele chamava "eu" também.

Veja bem, o que nós chamamos "eu", ele é o eu e o não eu ao mesmo tempo. É uma mescla do que é realmente eu e do que não é eu. A palavra "eu" é equivoca. Habitualmente a idéia de "eu" está ligada a quididade da nossa individualidade, a um composto de alma e corpo que é um animal racional. Se eu sou um animal racional, eu estou sujeito a morte porque um animal racional é composto de partes heterogêneas que uma hora vão se separar, por definição. Isso significa que este "eu", com o qual eu me identifico subjetivamente morrerá.

Suponha que no decorrer da vida do sujeito, junto com este "eu", ele descubra uma outra identidade para si mesmo mais profunda e fala: "eu sou isto" e quando ele fala "isto" ele está falando de um intelecto possível, uma receptividade indefinida para a intelecção. Este "eu" não morre, porque não é composto de partes heterogêneas. Este é o "eu" que sobrevive depois da morte.

Se o sujeito morre e ele não possuía o "eu" concreto dele, não tinha nenhuma afinidade real com este "eu" mais profundo, quando ele morre, o "eu" mais profundo se reconhece nessa referência e toda sua existência será simplesmente um esquecer-se dessa referência.

Por exemplo: Nós temos aqui um ente imortal que não sabe o que é e pensa que é outra coisa, essa outra coisa será destruída. Se ele pensa que ele é ela, ele sofrerá a destruição dela e nunca adquirirá consciência do que ele realmente é.

Vocês já viram o estado de uma criança que faz birra porque você falou não para uma coisa?

Ela está num estado análogo a isso. Naquele momento ela é só aquele desejo para o qual você falou não. Como isso é só um estado simbólico, você pode, por meio da violência, falar para a criança ficar quieta. Você pode impor um limite para aquele estado porque você sabe que a criança não é só aquele desejo. Você sabe que ela vai continuar existindo depois que aquele desejo desaparecer, mas ela não sabe. Naquele momento, ela como que está no inferno e por isso que a violência restritiva é uma misericórdia porque tira ela daquele estado que é potencialmente infernal.

Agora, suponha que aquilo que você chama "eu" concreto seja uma imagem razoável do que é o seu "eu" real, uma imagem razoavelmente bem construída. Quando este "eu" concreto for destruído é possível que pela recordação da imagem você perceba que aquilo foi destruído, mas que você continua.

Você se pergunta o que é realmente isso que você está chamando de "eu", que está sendo destruído. Aí você pode voltar da imagem para a coisa que gera essa imagem, é possível isso.

Por exemplo: É possível que o sujeito não chegue a essa consciência, mas ele cumpriu a religião sinceramente. Qual é a promessa do Cristo? A promessa do Cristo é que de quando o sujeito morrer, o "eu" dele será destruído, mas Cristo vai substituí-lo

e com o tempo o sujeito se reconhecerá em Cristo. Isso é a crucificação e ressurreição.

Crucificação é Cristo fingir ser você, e você pensar que continua, mas Ele vai estar em seu lugar e isso vai te dar tempo para perceber o que você realmente é, e que você é Ele.

Aluno: Mas só depois da morte?

Professor: Isso pode acontecer antes ou depois da morte.

[Alunos fazem comentários sobre o "eu" real]

Professor: Tem um momento em que o sujeito pode falar como São Paulo:

"Não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim". "Nele vivemos, nos movemos e somos".

Quando ele fala: "Para mim viver é Cristo e morrer é lucro", isso é uma indicação de que ele não está no estágio supremo de espiritualidade. A expressão "morrer é lucro" significa que a existência concreta ainda é um limite, e se essa existência ainda é um limite, quer dizer que ele não está no grau supremo de espiritualidade. Essa existência concreta não é percebida nele e por ele como uma pura expressão dessa realidade que o Cristo. No estado supremo de santidade, o sujeito é indiferente a viver ou morrer; morrer não é mais lucro.

Os zen-budistas diziam que quando não estavam no zen, viam montanhas, árvores, rios e quando chegaram ao zen não viam nada, apenas o vazio. Depois que chegaram ao zen, voltaram a ver montanhas, árvores, e rios.

Aqui, eles falam de três estados espirituais distintos:

1) o estado exteriorizado, em que o sujeito só vê os fenômenos;

2) o estado em que o sujeito percebe a realidade absoluta que é; esse é o estado de união. Aí, num certo sentido, ele só vê Deus, mas nele;

3) ele volta a ver os fenômenos, mas como expressões da realidade divina. Vamos pensar o seguinte: embora nossa consciência fenomênica seja um

relativo obstáculo à vida espiritual, não é possível que ela seja obstáculo absoluto, senão existiriam dois absolutos. O absoluto positivo e o negativo. A consciência fenomênica não é uma negação da consciência divina. Ela é simplesmente essa mesma consciência relativizada. Isso que dizer que em última análise ela pode ser perfeitamente integrada a consciência do absoluto.

O sujeito pode, em um estado, só ver fenômenos. Num outro estado ver que existe Deus e os fenômenos, e em um outro estado ver que só existe Deus e que os fenômenos são uma expressão de Deus. Se o sujeito chega nesse estado, a existência concreta não é, de modo algum, um obstáculo para ele.

Então, o primeiro sujeito morre. O segundo sujeito morre, mas não completamente; a morte para ele é a separação entre o "ele" e o "não ele". O terceiro sujeito não morre de jeito nenhum, ele já morreu. Ainda que o seu corpo se decomponha e se desfaça, essa passagem não significou para ele passagem em sentido algum. A maior parte dos santos não chega a esse estado; são poucos os santos que chegam a esse estado.

Aluno: Francisco chegou?

Professor: São Francisco chegou ao estado em que de fato o sujeito não morre. O sujeito, nesse estado, quando morre é um ato sacrificial, não é uma morte. É que nem a morte de Cristo. Do ponto de vista desse sujeito, o corpo dele não é, senão, mais um fenômeno que é um reflexo da realidade divina.

O santo é o sujeito que descobriu que o fundamento do "eu" é o verbo divino. O sujeito em um estado supremo, e o sujeito que descobriu que o estado do corpo também é o verbo divino. As duas coisas têm o mesmo fundamento e, portanto são eternas.

Eu sei que é difícil Nós imaginarmos um santo já é complicado. Mas nós imaginarmos um sujeito para o qual Deus é tudo em todos é realmente difícil, como dizem os santos, não é que ele está escrito no livro da vida, mas ele escreve no livro da vida, então é um estado espiritual muito além das sete moradas que Santa Teresa

fala. As sete moradas são para o sujeito descobrir as raízes do "eu". Esse é um processo de interiorização, e não de ascensão.

É como se você fosse entrando em você mesmo, até que você chega ao núcleo do seu ser, chega ao sol da sua alma, no núcleo do seu sistema solar, e nós podemos imaginar a alma como um sistema solar. Quando você chega ao núcleo, você chegou a raiz existencial de todo aquele sistema. Todo esse sistema está contido nessa raiz. Essa raiz é só um ponto, mas é o alicerce de todo sistema, então, se o sistema inteiro cair e o ponto permanecer, o sistema inteiro pode se reconstruir.

Agora imagine que você vai subindo com um fio vertical a partir desse centro e você vai vendo que o ponto vai se estendendo. É só nós percebermos o seguinte: quando nós nos tornamos distantes de uma coisa, essa coisa que era grande vai ficando pequena.

Imagine o seguinte: se visualmente uma coisa que é grande vai ficando pequena, na verdade, o centro, o foco da atenção está se tornando grande, ele está abarcando mais coisas. Então, a ascensão espiritual vai causar esse efeito no sujeito. Aquilo que ele via como o centro do ser dele, daqui a pouco ele vai ver como a realidade total. Ele vai perceber que aquilo não é o centro do ser dele, mas aquilo é tudo que é. Essa é a diferença entre um santo que chegou a sétima morada e um santo que está nesse grau supremo.

Para o santo no grau supremo, por incrível que pareça, no começo Deus é um ponto, aí ele vai subindo e esse ponto vai abarcando o mundo. Veja bem, não é normal você perceber Deus como um ponto, existe um desvio de perspectiva no sujeito que ficou santo quando se percebe Deus como o centro, porque existe uma distinção entre o centro e a periferia; um ponto central no espaço e o espaço. Isso quer dizer que o santo percebeu Deus como ponto, como centro, como unidade principial. O sujeito no estado supremo percebeu que Deus não é apenas esse ponto, mas é a totalidade. Essa percepção da totalidade necessariamente é uma percepção supra-humana. Perceber Deus como ponto central é o ápice da condição humana. Perceber Deus como totalidade está muito além da percepção humana, no entanto essa que é a verdade.

Aluno: Nesse ponto ainda se considera humana essa alma?

Professor: Sim, ela ainda é humana. Ela não perdeu o centro. Ela não perdeu a referência inicial; essa referência inicial só cresceu.

Do mesmo modo que um bebê é a mesma pessoa que ele se tornará durante toda a sua vida, até o final, também este sujeito quando foi crescendo não perdeu a identidade inicial, ela só cresceu e se elevou a potências incalculáveis. Assim como a diferença entre um bebê e um adulto não é apenas uma diferença de tamanho. Deu para perceber que o adulto é a mesma realidade que a criança, só que elevada a algumas potências. Coisas que eram meras virtualidades no bebê se tornaram realidades para o adulto, se tornaram capacidades. Então, vamos dizer que o santo é um bebê do ponto de vista do puro espírito. Está claro que não mudou a identidade? Simplesmente o sujeito foi tirando todas as conseqüências reais dessa identidade.

Quando São Paulo fala “para mim, viver é Cristo”, ele não esquece que ele é Paulo, o fulano que nasceu no dia tal, em tal lugar e teve tal biografia e que não teve a biografia do Cristo. Ele não esquece isso, não fica confuso, ele não perdeu uma referência menor, mas adquiriu uma maior, na qual ele compreende a menor. Ele sabe que isso que nós chamamos Paulo não é senão uma modalidade do verbo divino, uma possibilidade atualizada do verbo divino, ele não deixou de ser Paulo. Deixar de ser Paulo é ir para o inferno. Ele apenas deixou de ser Paulo no sentido restritivo, no sentido em que ser Paulo significava não ser Cristo, quando de fato ele já não se identifica mais com isso.

Aqui nós podemos fazer três analogias. Um ramo não é a mesma coisa que um tronco; um ramo pode ter a mesma natureza do tronco, mas ele não é o tronco. Então essa é a relação entre qualquer indivíduo humano e o verbo divino. O verbo divino é o tronco e o indivíduo humano é o ramo. Mas a vida do tronco é a mesma vida do ramo; a seiva é a mesma, ela não é formalmente distinta.

Então nós podemos dizer que a primeira metade da vida espiritual consiste em nós descobrirmos que somos apenas um ramo. Quando o sujeito constata que realmente é só um ramo, ele pode começar a se perguntar o que é isto que flui do tronco para ele e que é o mesmo nele e no tronco. Existe um aspecto segundo o qual a individualidade é análoga ao verbo e existe um outro em que ela é idêntica. São Paulo nunca vai esquecer que ele é um ramo, que ele não é um verbo, que a personalidade dele é um ramo do verbo e, portanto um símbolo do verbo, mas ele também não vai esquecer que a essência, que a realidade dessa personalidade é a seiva. Sem seiva o ramo não é ramo do tronco. O ramo que não recebe seiva não é ramo em sentido nenhum.

A primeira coisa que o sujeito descobre, é que ele é um ramo concreto desse tronco, aí ele chegou bem perto da santidade. Então ele se pergunta o que é um ramo e descobre que um ramo não é senão a capacidade de receber seiva. Nisso ele descobriu a identidade imortal dele, porque ele é infinitamente capaz de receber seiva, do mesmo jeito que o tronco é infinitamente capaz de oferecer seiva. Se o tronco é infinitamente capaz de oferecer, o ramo tem que ser infinitamente capaz de receber. Nesse caso existe uma proporcionalidade direta entre ele e Deus. Agora, uma capacidade receptiva é real na medida em que ela recebe. Se ela não receber, ela não existe. Percebem que uma capacidade receptiva não tem existência própria?

Por exemplo: É como o ar. O ar tem uma capacidade receptiva para receber a vibração da minha voz, mas ele não pode produzir a vibração da minha voz, ele não pode falar. Mesmo que o ar produza um som que seja perfeitamente análogo a minha voz, ele não está falando, sou eu que estou falando. Então, essa aula está sendo gravada e depois será colocada em um CD e vocês vão ouvir esse CD. Não vai ser o CD que está falando, nem o ar que está falando, sou eu que estou falando. A realidade da fala é dada pelo princípio essencial da fala e não pela capacidade receptiva, pelo meio receptivo.

Esta capacidade receptiva do ar só tem uma substância, uma realidade quando alguém fala. Com o ser humano é a mesma coisa. Primeiro nós percebemos que ele é um ramo, depois nós percebemos que a realidade do ramo é o ato de receber seiva e na medida em que essa capacidade recebe seiva, ela é a mesma coisa que emite a seiva.

Na medida em que eu falo e o ar vibra, essa vibração do ar é a minha fala, exatamente a minha fala tal como ela existe em mim, ela existe no ar nesse momento.

Então, no primeiro estágio, o sujeito descobre que ele, de fato, está inseguro no mundo e a segurança dele é Deus, o segundo passo é como ele transforma essa adesão passiva em uma adesão passiva. Se por um acaso ele não tem segurança no que acontece, ele também não tem muita segurança no que ele faz, mas a insegurança no que ele faz é diferente da insegurança no que acontece. O que ele faz é criado por ele, ele é um agente.

A segunda morada consiste justamente em quando o sujeito se descobre como agente e ele descobre pode falar com Deus e Deus pode falar com ele, por meio das escrituras, dos santos, etc. O sujeito começa a se informar acerca de Deus, e ao fazer isso, ele percebe que Deus quer algumas coisas dele e não quer outras.

Essa segunda morada é uma morada distinta justamente porque o sujeito muda de uma disposição passiva em relação a Deus para uma disposição ativa. Se eu não posso estar seguro do que vai acontecer com a minha vida, eu posso estar seguro do que eu faço. Eu posso estar seguro de que o que eu fiz, eu fiz. É interessante porque, até então, se você observar o sujeito com a consciência infra- humana, sempre que você acusá-lo de alguma coisa, ele vai em retorno acusar o mundo. Ele vai dizer que foi obrigado, que não teve outra escolha, que a culpa não foi dele, quer dizer, o "eu" para ele não significava um agente, significava um veículo de algum fenômeno; um instrumento passivo pelo qual os fenômenos passam.

Por exemplo: apareceu no sujeito um desejo e esse desejo se satisfez. Tudo isso é só a coisa, não houve uma intervenção ativa. Claro que houve realmente uma

intervenção ativa porque os desejos não se satisfazem sozinhos, mas ele não percebe que isso é uma ação, que isto é uma reelaboração dele. O sujeito não percebe que a ação é parte do sujeito e não parte do objeto. A segunda morada acontece quando o sujeito percebe que é ele que age e se ele não pode mudar as circunstâncias, ele pode, em alguma medida, mudar a sua ação.

Isso consiste em descobrir que a segunda morada se consolida no sujeito quando ele percebe que existem algumas coisas que ele pode fazer por Deus. Algumas das coisas que Deus quer dele, ele sempre pode fazer, principalmente rezar. Nem sempre ele pode fazer o que Deus quer, porque às vezes ele não sabe o que Deus quer, às vezes ele não consegue, às vezes ele não agüenta. Existem algumas coisas que ele pode fazer sempre e a principal delas é não perder a referência do que Deus quer. Se Deus não se põe diante do sujeito o tempo todo como presença, o sujeito pode se por na frente de Deus como presença o tempo todo.

Se nesse estágio da vida do sujeito, Deus não pode aparecer para ele como presença constante, porque o sujeito não suportaria essa presença, alternativamente ele pode se por diante de Deus o tempo todo como presença. Ele pode estar cônscio de que se ele não está vendo Deus, Deus o está vendo, o está observando.

De fato esse é o primeiro estágio em que o sujeito intervém ativamente, é quando ele percebe que ele não sabe como é Deus, que Deus está longe, mas que ele pode se colocar diante de Deus o tempo todo, pois Ele está longe, mas não tão longe assim que não possa o ver.

Aluno: Nessa segunda morada não existe esse equivoco em si mesmo, em relação à distância.

Professor: Deus não está próximo do sujeito como uma experiência, como uma presença próxima, como uma promessa, mas ele pode parar e pensar que só subjetivamente Deus não está presente. Deus não está presente para a sua consciência, mas Ele efetivamente está presente, então o sujeito decide que vai viver diante da presença Dele. O melhor instrumento para viver diante da presença dele, é estar falando com ele o tempo todo, dialogando com ele o tempo todo.

Isso quer dizer que a partir de então as ações dele começam a se classificar em duas categorias. Ele pode perceber que estava diante de Deus e fez tal coisa, e o que ele fez está de acordo com o que Deus disse e então ele sente alguma segurança e para uma outra ação que não está de acordo com o que Deus disse, ele sente uma insegurança. Isso, por si, tende a eliminar da vida do sujeito os piores vícios. Não vai eliminar todos os vícios ou todos os males, mas vai eliminar os piores. O sujeito começa a tratar Deus como uma testemunha permanente da existência dele. Se ele não é testemunha da existência de Deus, Deus é testemunha da existência dele e ouve o que ele fala.

O sujeito inicia uma correspondência, no sentido literal da palavra. Correspondência significa fazer uma oferenda.

O que é uma correspondência com Deus?

É você saber que quando você faz algo, Deus faz junto. O sujeito começa a estabelecer essa correspondência com Deus.

Isso quer dizer que além de o sujeito ver Deus como princípio da segurança, ele começa a ver Deus como o ato mesmo da segurança. Na primeira morada o sujeito descobre que Deus é o único princípio de segurança real e agora ele percebe que essa segurança se efetiva realmente na vida dele quando ele faz uma tal coisa, quando pensa uma tal coisa. Essa idéia de que Deus testemunha a sua existência, trás para a sua vida o ato da segurança divina. Quando você faz o que Deus mandou, você sente segurança. Quando você consegue agir diante dele sem se envergonhar, você sente segurança.

Na medida em que esses atos se consolidam e este hábito de estar diante de Deus se consolida, surgem hábitos de virtude no sujeito. Certas coisas, segundo Deus que ele tinha que escolher fazer em cada ato, de repente, ele faz sem ter que pensar.

Na primeira morada o sujeito percebeu que o mundo não é segurança. Na segunda morada ele percebe que Deus é segurança quando se faz as coisas que Ele

manda, aí o sujeito começa a fazer isso e cria certos hábitos. Esses hábitos são portas para a graça divina. Como essas portas estão habitualmente abertas, ele passa a sentir algumas coisas como Deus as sente, de modo análogo a Deus.

Quando você tem o hábito de uma virtude, de uma ação virtuosa, a experiência continuada dessa virtude te permite saboreá-la, sentir o gosto dela, perceber a consistência dela. Às vezes, esse saborear pode acontecer espontaneamente num primeiro ato de virtude, como por exemplo, a primeira vez que o sujeito dá uma esmola, a primeira vez que ele é compassível para com um doente, mas se o sujeito tem o hábito, ele pode saborear plenamente isso. Acontece que geralmente nós não prestamos atenção nos atos que são habituais. Quando o sujeito, por exemplo, tem o hábito de dar esmola, ou de levantar cedo, ele não presta atenção nele mesmo e assim por diante. Isso acontece porque ele não precisa prestar atenção para que o ato seja bem feito. Todas as ações habituais não exigem uma atenção intensa, forte.

Quando você criou certos mecanismos de ação, esses mecanismos já vão resultar no resultado habitual, mas se acontecer do sujeito passar a prestar atenção nos atos habituais, ele vai perceber que alguns deles geram paz e felicidade e o sujeito só não sente isso porque não está prestando atenção. Outros atos, quando o sujeito os faz, acabam gerando uma tristeza. Isso acontece com Santo Inácio.

Santo Inácio percebe que às vezes ele se imaginava como santo, fazendo jejuns e obras de caridade; às vezes se imaginava como um grande guerreiro. Ele percebeu que depois que ele terminava de se imaginar como um grande santo ficava uma serenidade na alma dele e depois que ele terminava de se imaginar como um grande guerreiro restava uma tristeza nele.

Por que isso acontecia com ele?

Simples, porque ele possuía o hábito imaginativo; porque quando imaginar- se como um santo ou como um grande guerreiro não era novidade para a psique dele, mas algo fácil e ele possuía a técnica de imaginar aquele cenário, ele podia saborear o que essas coisas geravam na alma dele.

Quando o colocar-se na presença de Deus se torna um hábito da mente do sujeito e ele começa a agir, pelo menos em parte, segundo Deus, se ele prestar atenção nelas, ele vai perceber qual é o efeito final delas na psique. Isso é análogo ao que acontecia com o sujeito subumano em relação aos fenômenos.

O sujeito olhava, por exemplo, o bolo e gostava do bolo; olhava a terra e não gostava da terra. O gostar e não gostar é a reverberação subjetiva do fenômeno objetivo. Quando você tem um hábito de ação, você pode perceber também a reverberação objetiva desse hábito, se você prestar atenção.

Suponha que você tem o hábito de levantar, lavar o rosto e rezar dez Pai Nossos, e você faz isso durante meses. A partir de um momento isso se torna natural, assim como levantar, lavar o rosto, escovar os dentes. A hora em que isso se tornar habitual, você pode começar a observar como você se sente depois que reza. Aí faça a experiência de, um dia, não rezar, mas assistir dez minutos de telejornal e perceba o estado da alma depois. Essa percepção do estado da alma é que conduz o sujeito à terceira morada. Quando o sujeito percebe isso, ele percebe que esses atos segundo Deus e que são habituais, geram um tipo de satisfação que as outras coisas não geram.

Aluno: É possível ser cristão e não estar nem na primeira morada?

Professor: Não. Se o sujeito realmente tem a fé interna, é impossível. É simplesmente possível, mas mesmo assim muito difícil que o sujeito repita aqueles atos e não tenha a menor idéia do que é.

[Alunos fazem comentários sobre o sujeito ir direto para a segunda morada e educação de crianças]

Professor: O que acontece com algumas crianças, é que uma boa educação religiosa tende a levar a criança a despertar para essas coisas na adolescência. Tudo que era só uma consciência virtual na criança, passa a surgir na mente dela na adolescência se ela teve uma educação religiosa suficientemente adequada.

Por exemplo, eu sei que quando eu tinha dezenove anos, eu percebi o que era esse negócio de religião. Desde a infância, nós tínhamos que rezar todos os dias; eu sabia que Deus existia e que Ele via tudo; que eu podia enganar meus pais, mas não a Deus, essa consciência existia.

Aluno: Mas existia de forma abstrata, meio dogmática.

Professor: Assim... Existia um Deus, mas o que era isso exatamente? Eu não sabia, não importava.

Aluno: Era apenas um discurso?

Professor: Isso, era apenas um discurso no qual nós acreditávamos e aceitávamos e que sentíamos como real, mas em que consistia a realidade desse discurso?

Chegou um momento, na primeira vez em que eu enfrentei um problema na minha existência, veio à consciência tudo aquilo que meus pais ensinaram. Veja bem, crianças não tem problemas, mas adolescentes sim, porque chegou a idade em que ele é pra ser um "eu" independente dos pais. Quando eu tive o meu primeiro problema, a fórmula para a solução veio fácil na minha mente, era simplesmente a expressão individual daquilo que já tinha sido mostrado para mim, eu não tive que descobrir qual era a solução, mas pela primeira vez aquilo apareceu para mim como a solução de um problema individual concreto. Aquilo que é um ensinamento de outros, que era real em outros, se tornou real em mim.

Por isso que não importa se você já está a um ano falando algo para a criança, continue falando, explicando, porque a hora em que ela enfrentar um problema, isso virá para a consciência dela.

O importante não é o sujeito aceitar quando você está falando, mas ele ter aquelas informações para usá-las em um momento em que ele realmente precisar delas, e vai ter um momento em que ele vai precisar. Isso é a mesma coisa que dar uma alimentação para o sujeito ter saúde, para que, quando ele venha a ter um problema de saúde, ele tenha um organismo mais consolidado, mais forte e possa reagir melhor. Você está armando o sujeito para uma situação possível.

Se na hora em que você fala, o sujeito não entender, não tem problema, pelo menos ele está ouvindo; o que você fala está chegando à consciência dele e ele não entendeu porque não tem um problema. O dia em que um amigo próximo dele, por exemplo, morrer, ou tiver câncer, ou traí-lo e que ele estiver diante disto, vai surgir na consciência dele tudo o que já foi falado acerca disso pra ele e aí ele vai poder decidir se aceita o que lhe foi dito, porque agora tem importância crucial para ele, ou se rejeita. Se os pais comunicaram isso, dificilmente a pessoa rejeitará, porque a afinidade entre um indivíduo e os seus pais é muito grande.

Então, você vai falando as coisas para a criança, o adolescente e quando ele aceita o que você fala é ótimo, a convivência ficou maravilhosa; mas se ele não aceitar, não importa, continue falando.

Eu lembro que o meu irmão que era *rockabilly*, quando chegou à adolescência não queria mais saber de religião. A minha mãe falou para ele o seguinte: "Tales, agora ou você lê esse livro aqui, A Fé Explicada, ou você não janta, você não come na minha casa e quando acabar esse tem aqui “Os Santos que Abalaram o Mundo". Porque ela fez? Para que aquelas informações estivessem nele, um dia elas seriam cruciais para ele.

Um dia aconteceu de ele estar em um baile *rockabilly*, olhar para as pessoas e se perguntar: "Meu Deus, o que será da vida dessas pessoas?". Olhou os caras que estavam fazendo aquilo há mais tempo que ele e pensou que era aquilo que ele iria se tornar e que aquela vida não tinha sentido. Nesse momento, aquelas informações vieram para a cabeça dele e ele pode analisá-las. É claro que ele não aceitou a imposição da minha mãe, precisou usar de violência, mas e daí? As informações chegaram a ele e ele pode usá-las quando precisou.

Por que você põe uma criança na escola?

Porque um dia ela vai precisar arrumar algum trabalho, não é por causa de um problema que ela tem agora, mas por causa de um que ela vai ter e talvez isso facilite

para resolver esse problema. Com religião é a mesma coisa. Você dá uma educação religiosa à criança porque um dia ela vai estar diante da condição humana e você não quer deixá-la a mercê da sorte.

Aluno: Mas realmente as pessoas bem educadas estão nessa terceira morada.

Aluno: A terceira morada seria a percepção de um estado da alma...

Professor: Exatamente. Quando elas descobrem o tipo satisfação que os hábitos virtuosos geram na alma. Quando ele percebe que ele adquiriu um bem intimo e interno com isso, esse estado se consolida nele, ele começa então, na terceira morada, a construir uma vida em que as ocasiões de agir contrário à virtude estão ausentes. Ele começa a perceber que existem circunstâncias que o induzem a ação viciosa, então ele escapa dessas circunstâncias. Ele não pode escapar do vício, mas pode escapar da circunstância externa.

A terceira morada é uma morada estável. Ela é tão estável que Santa Teresa fala que a maior parte das pessoas está na terceira morada porque ela é gostosa de ficar. Ela fala que o maior defeito das pessoas na terceira morada é canonizar o seu próprio modo de ser, elas olham aquelas virtudes e falam que são santas, logo elas devem continuar apenas procedendo assim. Isso não é completamente falso. As virtudes de fato são santas e a pessoa de fato construiu uma vida que é agradável a Deus, mas ainda existe um imenso abismo entre essas virtudes e a totalidade do ser delas, mas a terceira morada já é um estado de felicidade.

A pessoa que vive na terceira morada já é capaz de olhar para si mesma e falar que a vida vale a pena, porque ela percebe que tem um bem nela que não existia no mundo antes de estar nela, que a virtude dela é um bem construído, é um avanço, um acréscimo à existência e isso é uma causa de felicidade tremenda. A pessoa percebe que a existência dela acrescenta algo à existência.

Na segunda morada o sujeito se percebeu como agente e agora se percebe como agente positivo. Ele pensa que não só existem coisas boas no mundo, mas que ele é uma dessas coisas boas e ficar nessa posição é bem confortável. Habitualmente as pessoas vão ficar nesse estado até a morte, ou até muito próximo da morte. A única coisa que pode mover a pessoa além disso é ela pensar que estas virtudes são o produto de uma cooperação entre ela e Deus, de uma sinergia, mas o princípio pelo qual essas virtudes são boas não deriva dela, derivam de Deus e dela deriva a capacidade de ação. Porém quem fala como ela deve agir, quem deu a forma para essa ação foi Deus e ela só deu a matéria para a virtude. O sujeito pode se perguntar como é esse Deus que criou esse bem. É unânime que o sujeito só pula da terceira morada para adiante com um interesse de saber como é Deus.

Aluno: Todo esse mecanismo é pura e simplesmente livre-arbítrio ou se é toda uma configuração?

Professor: Tem os dois elementos. É uma sinergia. Tem a ação individual e tem a graça. É uma cooperação, um trabalho conjunto. Você pode ter a consciência e não ter a força, ou pode ter um impulso e não saber de onde vem. É como Santo Agostinho que tinha consciência que tinha que viver a vida de uma tal forma, mas só tinha força para viver ao contrário. Existe um elemento que é produto do trabalho do sujeito e um elemento que é produto do trabalho de Deus. Resumindo, a terceira morada é resultado de uma cooperação.

Para que o sujeito passe para a quarta morada não bastam os problemas que a vida apresenta para o ser humano. Para o sujeito chegar à terceira morada basta que ele seja um ser humano e que tenha recebido informações adequadas. Se ele tiver essas informações, os problemas mundanos são suficientes para conduzi-lo à essa terceira morada.

Para o salto da terceira para a quarta morada, o sujeito tem que ter pensado que a virtude é uma coisa muito boa, mas ele tem que olhar para a vida dos santos. Aqui, a diferença entre a vida dele e a dos santos é que é crucial. Ele tem que perceber que os santos estão integralmente absorvidos na obra divina, e ele não. A diferença entre um bom cristão e um santo que é capaz de impulsionar o sujeito.

A maior parte dos cristãos, se estiverem na terceira morada habitual, quando ele olha um santo, ele fala que Deus escolheu esse sujeito e não o escolheu. Deus o chamou, ele ouviu o chamado e atendeu, mas Deus não o escolheu, então ele continua ali até morrer. Quando o sujeito percebe que esse negócio de Deus escolher não é bem assim, ele salta da terceira para a quarta morada. Essa escolha não é feita só por Deus, mas por ele e Deus ao mesmo tempo.

Até a terceira morada, o sujeito tinha alguns problemas e vieram para a mente dele algumas informações. Essas informações não vieram dele, ele não aprendeu a religião com ele mesmo, mas com alguém, ou com algum livro, veio de fora. É fácil ele falar que essas informações que vem de fora são mandadas por Deus por meio de seus pais ou de um livro. Deus então apareceu como um princípio externo ao "eu". Quando Deus chama uma pessoa, ele chama de fora; quando Deus escolhe uma pessoa, ele escolhe de dentro.

Num certo sentido Deus escolhe para a santidade quem se escolhe para a santidade.

Para que o sujeito se uma a Deus, não é possível que Deus exista subjetivamente para aquele sujeito, apenas como resposta a um problema. Quando você aceita a solução para um problema, você não é completamente livre.

O que acontece com um sujeito até a terceira morada?

Ele não foi completamente livre nessa escolha. Se não existissem desde o começo os problemas da condição humana, ele teria escolhido Deus por algum motivo? Não. Isso quer dizer que isso não foi uma escolha plenamente individual, mas uma escolha imposta pela condição humana em geral.

Por que o sujeito adquiriu todas essas virtudes?

Porque a vida dele não tinha sentido e ele sofria por isso e agora ele descobriu um sentido. Além disso, o sujeito pode falar que ele quer Deus, porque Deus é bom, é a raiz de todo bem, não porque ele é a resposta a uma situação privativa, mas porque ele vai acrescentar algo a sua vida.

Para o sujeito da primeira, segunda e terceira morada, Deus é uma compensação pela condição humana, uma espécie de salário, mas se o sujeito pudesse ter escolhido não trabalhar desde o começo, mas ter o salário, ele escolheria. Isso quer dizer que o conhecimento que se tem de Deus é muito relativo. Deus é simplesmente como uma beleza que te tirou de um cenário de feiúra e que zerou. É esse zerar que dá tanta estabilidade para a terceira morada.

Quando o sujeito está na terceira morada, intimamente ele não sente necessidade de ir além. Até então, na primeira, segunda e terceira o sujeito vai indo pela necessidade, porque a vida é um problema. Agora o sujeito chega a um estado em que a vida não é mais um problema, em que a vida se equilibra, mas ele só pode saltar, se quiser algo mais que equilíbrio.

Vamos dizer que é como a diferença entre o sujeito querer certa estabilidade material e o sujeito querer enriquecer. O salto da terceira para a quarta morada é a mesma coisa no campo espiritual. Na terceira morada o sujeito adquiriu os meios para viver bem, mas ele ainda pode enriquecer. É uma escolha que não se impõe ao sujeito, mas que ele cria para ele mesmo. Num certo sentido, até agora, o elemento passivo predominava, o elemento sofrimento era a raiz do progresso espiritual do sujeito.

A quarta morada implica em gerar um estado de instabilidade, depois de todo o trabalho que você teve para ter estabilidade.

O principal aqui é qual é a diferença de escolha. Antes, a minha vontade estava ordenada ao mandamento divino e as virtudes. Agora eu quero que a minha vontade seja uma expressão da vontade de Deus, eu quero que o que eu faço seja Deus que esteja fazendo. Isso pode implicar, em termos exteriores, em muito pouco. Por incrível que pareça não é preciso uma mudança radica. Sua vida exterior pode mudar muito pouco.

Aluno: Mas como confirmar que você está no caminho certo?

Professor: É um jogo de risco. É apostar a sua vida numa coisa que você não sabe qual vai ser o resultado.

No cristianismo existem três tipos de pessoas:

a) os chamados;

b) os escolhidos;

c) osfiéis.

O chamado é o sujeito que aceitou e sobe até a terceira morada. O escolhido

é o sujeito que agora só quer Deus, mesmo que isso implique em perder algo dessa paz [conseguida na terceira morada]. Os fiéis é o sujeito que consumou isso e chegou na sétima morada. É o sujeito que, quando você convive com ele, você diz que ele é Deus na terra.

Na quarta morada, se o sujeito tem essa disposição, Deus corresponderá, milagrosamente, dando para ele o instrumento da sua santificação. Para um sujeito esse instrumento pode ser entrar em uma ordem monástica; para outro pode ser se tornar padre; para outro pode ser rezar o tempo todo e por aí vai, mas Deus vai dar essa resposta. Deus vai dizer para o sujeito que existe uma coisa para a qual ele pode se entregar totalmente e isso será Deus na vida dele.

Quando o sujeito descobre qual é essa coisa que ele pode fazer, ele consolida a quarta morada.

A quinta morada é dedicar toda a vida a essa coisa que ele pode fazer, porém, sua alma não quer como um todo se dedicar a isso.

Na medida em que o sujeito se entrega totalmente a uma obra espiritual vão se destacar na sua alma todos os elementos da sua psique que são contrários a isso. Quando você se entrega a isso, você entra em estado de guerra. Você sai da paz e literalmente entra em uma guerra. A quinta morada é justamente viver em guerra. Deus responde ao desejo do sujeito na quarta morada, mas a resposta é como uma luz que vai mostrar ao sujeito tudo que é contrário a esse desejo.

Aluno: Mas, por outro lado, se acomodar na terceira morada é se acomodar, ficar meio passivo.

Professor: É ficar meio passivo, mas por outro lado, Deus sabe até onde cada um pode ir. O fato é que a imensa maioria pode chegar até a terceira morada, mas é realmente raro que o sujeito chegando na terceira morada ele encontre esse motivo para sair e ir adiante. Precisa inúmeras circunstâncias.

Na sexta morada, do sujeito viver em guerra constante com os elementos da sua psique que são contrários à obra divina, surge nele momentos em que a consciência dele está separada da sua psique como um todo, separada desses elementos contrários. Nesses momentos, o sujeito vê a vida como Deus a vê. Aquilo que ele realizava num sentido combativo e ativo na quinta morada, ele vai compreender de modo intelectivo na sexta. Como ele combatia os elementos que eram contrários, mas combatia na medida em que eles surgiam, ele não conhecia a raiz ontológica desses elementos, e ele nunca terminaria esse combate. Ele está combatendo o efeito e ele não conhece as causas. Uma hora, de tanto combater, ele é morto em combate e esse morto em combate quer dizer que a consciência dele sai fora do campo de batalha e se pergunta de onde vem a munição do inimigo.

A sétima morada é um tipo de guerra, mas não no mesmo tipo da quinta. A quinta é uma guerra contra um inimigo, a sétima vai ser colocar em prática o que o sujeito compreendeu na sexta, ele vai eliminar o mal pela raiz e a alma será novamente conduzida pela paz. Desta vez uma paz baseada na visão que Deus tem da vida dele e não na visão que ele tinha da vida. Quando essa paz se estabelecer, o sujeito vai olhar para a sua alma e ver o verbo divino e isso é a santidade.

Parte II

Professor: Até quando nós desenvolvemos a quarta morada?

Aluno: Agora Deus não é mais um salário, uma compensação. O sujeito busca Deus pelo bem que Ele representa.

Professor: Exatamente. O que as três primeiras moradas tem em comum é o fato de que Deus é visto como uma espécie de solução para problemas que o sujeito tem enquanto ser humano.

Na primeira morada Deus aparece como a solução para o problema da insegurança que é o estado humano.

Na segunda morada Ele aparece como uma solução pra indecisão, pra incapacidade de decidir, não tanto no sentido moral, mas simplesmente a incapacidade de tomar decisões em geral. Nós tomamos decisões todos os dias e não sabemos quais serão as conseqüências últimas dessas decisões pras nossas vidas, mesmo que tenhamos muito escrúpulo moral, a moralidade de uma ação não garante que ela, sob todos os aspectos resulte para nós ou para os outros em um bem. Você pode perfeitamente fazer uma coisa correta, mas que simplesmente é improdutiva ou que vai atrapalhar a sua vida ou que vai causar inimizades desnecessárias. Então na segunda morada Deus aparece como uma solução para esse problema. Nós não podemos prever todas as contingências do nosso futuro, mas Deus pode.

Na terceira morada, Ele aparece então como solução ou compensação pela insatisfação em relação à vida. Quando eu falo que Deus aparece como uma solução para esses problemas, não é que essa é uma maneira errada de ver Deus, porque Ele é uma solução para esses problemas também. Para entendermos bem as moradas precisamos entender que existe um ditado universal da mística sobre Deus, "Deus é como a água, e a água tem a cor do recipiente". Se o recipiente é azul você vê a água azul, se o recipiente é branco você vê a água branca. Com Deus é a mesma coisa, dependendo primeiramente das idéias que você tem sobre Deus, e depois das suas disposições volitivas, seus hábitos, seus sentimentos, seus pensamentos. Dependendo de tudo isso sua alma é o recipiente pra Deus: como a sua alma é, é como você vê Deus.

Você não pode ver Deus tal como ele é, mas você vê Deus tal como é possível de Ele ser recebido pela sua alma. A consciência disso que nos faz entender aquelas passagens no antigo testamento quando, por exemplo, Abraão estava hospedado em um lugar e ele pedia alguma coisa para Deus, Deus fazia o que lhe foi pedido e o rei do lugar declarava: "O Deus de Abraão é muito poderoso, é mais poderoso que o nosso Deus".

Não necessariamente esse rei estava pensando que existiam dois deuses. O deus dele também atendia orações e se atendia orações também era Deus, o mesmo Deus, o único Deus. Mas Abraão tinha uma certa capacidade para receber Deus, e portanto Deus aparece para Abraão de um determinado modo que não aparece para os outros.

Quando falamos "o Deus de Abraão" não estamos falando que há um Deus absoluto e um outro que é o Deus de Abraão. O Deus de Abraão significa o modo pelo qual Abraão pode chegar a Deus. Isso quer dizer que o politeísmo em um certo sentido também deriva da natureza das coisas e a gente muitas vezes na prática também é politeísta.

Por exemplo: eu já ouvi muitos cristãos dizerem que quando acontece alguma coisa boa foi Deus quem fez, foi Deus que deu, e quando acontece alguma coisa ruim dizerem que não foi Deus, porque Deus não faria uma coisa ruim. Isso que dizer que o Deus deles não é o Deus de Abraão.

O que define o Deus de Abraão, e que é o Deus do judaísmo, do cristianismo e do islamismo, é justamente o fato de Ele ser o princípio único das coisas. Abraão não pensava que quando acontecia uma coisa boa era Deus que estava fazendo e que quando acontecia uma coisa ruim, como sacrificar o seu filho, não era Deus; ou quando ele teve que abandonar a terra de seus pais e sofreu, não era Deus que

estava determinando isso. Abrão tinha consciência de que era Deus que determinava tudo o tempo todo na vida dele.

Era por isso que os primeiros padres diziam que Abraão se caracterizava pela pureza da sua fé, ou seja, o conceito que ele tinha de Deus era muito puro, muito perfeito. Deus aparecia para ele por causa e só podia aparecer dentro desse conceito.

Deus não pode aparecer para um sujeito como ele é. É isso também que quer dizer quando se fala na Bíblia "Ninguém pode ver Deus e não morrer". Se você visse Deus tal como ele é, você não existiria porque diante da realidade Dele nada existe.

Em uma certa medida isso é válido para inúmeras outras coisas, é válido para todas as pessoas também. Vemos as outras pessoas segundo a nossa própria pessoa ou em função da nossa própria pessoa. Isso só não é absoluto para uma outra pessoa porque uma pessoa humana é um ente limitado e, portanto, você pode concebê-la tal como ela é e isso não exigiria um esforço ilimitado, mas conceber Deus tal como Ele é exigiria um esforço ilimitado. É por isso que entre os judeus, quando eles viam os diversos nomes de Deus na bíblia, o Altíssimo ou o Poderoso ou o Zeloso ou o Ciumento, eles criaram uma hierarquia para esses nomes, então entre os judeus eles diziam: "O Altíssimo é um nome mais elevado do que o Poderoso" quer dizer que o nome "Altíssimo" expressa mais profundamente a noção do Deus de Abraão do que o nome "o Poderoso".

Um dos elementos cruciais da passagem da terceira para a quarta morada é que o conceito de Deus no sujeito começa a mudar. Até a terceira morada o conceito que ele tinha de Deus é o mesmo que ele tinha desde a primeira morada, ele pensava Deus do mesmo jeito. O sujeito na terceira morada pensa Deus do mesmo jeito que ele pensava Deus quando ele começou a pensar em religião ou em rito espiritual ou em Deus.

Deus aparece em primeiro lugar para o homem como um complemento ilimitado que compensa a sua própria limitação. Deus é como uma função infinita do próprio indivíduo, e a maior parte do tempo nós agimos com Deus como se Ele fosse isso, e embora isso não seja falso, é muito pouco acerca de Deus. Isso é verdadeiro, mas é muito menos do que Deus é.

Seria mais ou menos como dizer que o Ricardo é o sujeito que está naquela sala no salão de festa, de barba, é o sujeito que tem barba que está no salão de festa. Não é falso, mas não explica quem o Ricardo é, quer dizer, é uma referência verdadeira, mas que explica muito pouco sobre aquele ser.

Na quarta morada tem uma virada porque o sujeito começa a perceber que Deus é, de fato, um bem para ele, Ele é o bem supremo para e responde aos seus problemas mais profundos. Mas o que o sujeito é para ele?

Toda a mudança que teve no sujeito na primeira, na segunda e na terceira moradas eram mudanças em função de um problema. O sujeito descobre que a sua situação no mundo é de insegurança, Deus é segurança, por isso o sujeito o aceita e rejeita o contrário dele. Com isso o sujeito mudou algo nele, mas ele mudou em função de receber uma segurança, ele não estava realmente interessado, até esse momento, em quem ele realmente é.

Na quarta morada o sujeito se pergunta: "quem sou eu diante de Deus? De que modo eu posso corresponder ao que Deus é para mim?".

Esse problema você pode associar ao quinto mistério gozoso do rosário, que é quando os sujeitos perdem Jesus e o encontram dentro do templo. Quando passarmos para as aulas do rosário faremos a ligação.

Quando o sujeito se pergunta isso, o que ele está se perguntando é o que ele pode fazer para Deus? Ele já tem alguma idéia do que Deus pode fazer para ele.

Toda vez que notamos ou que prendemos nossa atenção a um benefício recebido é quase inevitável surgir esse sentimento de gratidão. Quando você lembra de alguma coisa boa que alguém te fez é quase que inevitável você pensar o que pode fazer em troca por aquela pessoa. O sujeito não pode fazer alguma coisa de imediato, é difícil surgir alguma coisa imediata, especialmente com Deus, mas ele vai ficar como que

em um estado de alerta para num primeiro movimento, a primeira vez que aparecer um interesse daquele outro em alguma coisa e se ele puder, ele vai fazer.

Com Deus é a mesma coisa, quando o sujeito começa pensar e a refletir nos benefícios recebidos ele começa a se perguntar o que pode fazer em troca. Aí é que a vida espiritual complica. Porque a vida espiritual até então, embora ela tenha evidentemente um esforço da pessoa, ela é fundamentalmente passiva, não porque o sujeito não toma decisões, não faz coisas, não realiza coisas, mas porque o motor dela está na parte passiva da alma, está no desejo de determinada satisfação. Todo o movimento do sujeito até então era feito por essa parte passiva.

Quando o sujeito começa a se perguntar o que ele pode fazer por Deus, pela primeira vez Deus aparece para ele como “o Altíssimo”, pela primeira vez ele vai perceber que realmente Deus não precisa de nada, não há nada que ele possa fazer de que Ele precise. Se Ele fizer alguma coisa é algo que Ele deseja ou que Ele propõe, quer dizer, eu só posso fazer para Deus o que Ele propuser que eu faça.

O que Deus propõe para o sujeito aqui é que ele dê um salto no seguinte sentido: “até então meu filho, você me busca em função do que eu tenho em função do que eu possuo, eu tenho o poder de te fazer esses benefícios e eu de fato faço, estou disposto a fazê-los desde que você esteja aberto a recebê-los. O que eu proponho para você agora é que você se aproxime de mim em função do que eu sou, você não pode fazer nada por mim, mas você pode se perguntar quem é esse Deus? Como é Deus? O que é Deus?”.

Deus está dizendo que o que o sujeito pode fazer por Deus é justamente isso, alterar fundamentalmente o receptáculo que é ele mesmo, e pensar que agora ele vai tentar existir em função de saber o que é Deus.

E como ele faz para saber o que é Deus?

Para saber o que é Deus eu devo me tornar um filho de Deus.

A relação do sujeito com Deus nas primeiras moradas, embora ela possa

num sentido afetivo ou emocional, ser comparada a relação de filiação, é estruturalmente comparável a relação de servidão. Ou seja, eu tenho uma necessidade, há um outro sujeito que tem como satisfazer essa necessidade, eu presto um serviço para ele e ele satisfaz essa necessidade. O que caracteriza essa situação é simples, esse processo não vai nunca mudar a situação, quer dizer, quando um sujeito entra em uma relação servil o fato de cumprir os deveres da relação servil nunca vai tirar ele dessa relação, nunca vai elevar ele a uma outra condição. Pelo simples fato de cumprir a parte servil do acordo o sujeito não vai nunca se tornar ele mesmo num patrão.

Para entender Deus tal como ele é o sujeito deve então começar a mudar o aparato cognitivo dele, tem que mudar a alma dele para que ele salte, para perceber Deus melhor do que o que já percebe e é ele quem tem que mudar. Então como ele faz para mudar a relação para uma relação de filiação?

É simples, ele vai ter que olhar a vida dele e pensar onde ele pode agir como Deus?

Em que situação ele pode ser o representante de Deus?

Qual é a situação em que ele pode fazer um bem que ele conheça e domine sem efetivamente receber nada em troca?

É a essa situação a que Cristo se refere quando ele fala “Se tua mão direita te leva a pecar, arranca tua mão direita, porque é melhor entrar no paraíso sem a mão direita do que no inferno com ela”[1].

O que significa a mão direita e o pecado?

Ele está se referindo a todas as obras boas que você faz, que é indicado pelo lado direito. Essas obras são maculadas ou contaminadas por um elemento ainda que mínimo de interesse, por um elemento servil. Esse elemento, ainda que ele não seja um elemento de interesse que interfere do ponto de vista moral, pode ser que a obre seja moralmente desinteressada, o sujeito está fazendo aquilo e de fato não quer

1 A passagem encontra-se no evangelho de Marcos, capítulo 9, versículo 43.

receber nada, mesmo assim a obra é maculada pelo fato de que aquilo que ele faz é determinado mais pela contingência do que pela sua própria natureza.

Tudo que fazemos de bom nos aparece pra fazer dadas as circunstâncias acidentais da nossa vida.

Por exemplo: aparece um mendigo na minha frente e eu dou uma esmola para ele. O elemento circunstancial afeta muito e o que o sujeito deve fazer aqui é se perguntar o que ele pode trazer regularmente de bom para o mundo, quais são as circunstâncias que ele pode procurar para fazer determinada boa obra regularmente. Normalmente é nesse estágio que algumas pessoas entram em mosteiros. Mas entrar para o mosteiro não é necessariamente a solução para essa questão.

Aluno: É retirar-se da comunidade.

Professor: É retirar-se da comunidade, mas é retirar-se da comunidade para rezar o tempo todo. O sujeito pode olhar para ele mesmo e se perguntar o que tem para oferecer aqui, o material que tem aqui, a torre que ele pode construir para rezar o tempo todo, orar pelo mundo.

Deus vê o mundo de uma maneira muito diferente da que nós vemos. Nós vemos o mundo da seguinte forma: o sujeito fez isso então ele merece uma recompensa disso, o sujeito fez aquilo então ele merece uma punição por aquilo. Os entes, para nós, são claramente distintos e Deus não os vê necessariamente assim. Deus vê quase que em espécie, os considera quase que em espécie.

Quando uma monja carmelita vai rezar, quando ela decide se afastar do mundo, Deus não a recompensa apenas por essa oração. Ela decide que vai apenas pensar em Deus e contemplar Deus. Isso abre uma porta do mundo para Deus, que entra por essa porta e ele opera não só sobre ela, mas sobre tudo que tem qualquer afinidade com ela no mundo inteiro. Quando ela faz isso, para começar, toda a família dela é impactada porque toda a família tem alguma afinidade com ela, tem alguma semelhança estrutural, assim como todas as pessoas que a vêem tem uma ligação com ela e esse é o sentido de visitação de mosteiros. Em última análise toda a humanidade tem alguma coisa em comum com ela, nem que seja só o estado humano e Deus entra por essa porta.

Aluno: A função de São Francisco era pregar.

Professor: Em São Francisco pregar era uma função secundária. Ele mesmo não sabia se ele devia pregar ou se retirar. São Francisco seguia o evangelho literalmente, o que ele lia escrito ali é o que ele fazia. Ele era um evangelho vivo e essa foi uma das razões pelas quais deram a ele o título A*lter Christi*. Resumindo, se você quisesse saber como Cristo vivia ou que ele fazia, era só ver o que São Francisco fazia e como ele vivia, porque ele vivia do mesmo jeito que Cristo.

A quarta morada é, em grande parte, uma questão de decisão. Para que essa decisão aconteça é preciso alguma base biográfica ou talvez até hereditária, física. Tem muitas bases para isso acontecer, para essa decisão surgir na mente da pessoa.

Basicamente a passagem da terceira para a quarta morada é o sujeito querer ficar santo, é querer a santidade. Pra isso realmente acontecer, para avançar para a quarta morada e adiante o sujeito tem que se perguntar o que pode fazer por Deus, o que ele pode fazer para Deus e que ele vai fazer todo dia.

Quando falamos em uma carmelita, temos que ter em mente que ela não reza 24 horas por dia, mas, as outras coisas que ela faz são em função disso. Quando uma carmelita come, ela sabe que está comendo para poder rezar depois; quando ela limpa o mosteiro, ela sabe que está limpando o mosteiro pra poder rezar depois. Não se trata de uma coisa que o sujeito vai fazer necessariamente o tempo todo, mas se trata de ele dar um rumo fundamental para a vida dele. Esse rumo pode ser definido por critérios maximamente internos ou externos. Ele pode se dedicar a uma obra específica, como cuidar de doentes, de presos, ou rezar, ou pode ser um rumo geral da vida que consiste no sujeito descobrir uma orientação espiritual para a vida dele. Chega uma hora em que o sujeito olha um santo ou uma boa obra e percebe que aquela ação representa a pessoa que ele quer ser.

Santo Alberto costumava comparar as pessoas a coisas da natureza, um é um boi, o outro é uma pedra, aquele outro é uma fogueira e assim por diante, e com isso ele estava querendo dizer que no ser humano existem duas forças em jogo o tempo todo.

Uma força é limitante, de contração ou de compressão. Essa força é o elemento mecânico da natureza, é o mecanismo físico. Numa medida nós somos um organismo físico, portanto somos quase que um mecanismo, não exatamente um mecanismo, pois a natureza é algo mais sutil do que um mecanismo, mas é semelhante a um mecanismo.

Por exemplo: as ações de um sujeito, de agora para diante, tendem a ser moldadas por ações anteriores. Existe uma força que tende a moldá-las nesse sentido, ele tende a repetir padrões de comportamento, padrões de pensamento. Numa certa medida, somos moldados por nossas experiências passadas e isso é um processo mais ou menos mecânico. É isso que os budistas e hindus chamam de karma.

Karma é o conjunto das conseqüências naturais das suas ações anteriores, são os padrões moldados por suas ações. Como você está sempre agindo, o seu karma está sempre mudando, mas de um modo ou de outro o karma é simplesmente o conjunto de conseqüências involuntárias. Quando um sujeito age, ele não está esperando se moldar de um jeito.

Esse princípio de compressão ou limitação não é necessariamente negativo. É um princípio que garante nossa sobrevivência na existência.

Por exemplo: um sujeito vê uma pessoa ser atropelada por um carro e percebe que deve tomar cuidado ao atravessar a rua, ou simplesmente o sujeito observa o tamanho o peso e a velocidade do carro e percebe que se o carro bater nele ele ficaria esmigalhado. Isso é uma experiência que determina um padrão de comportamento futuro.

Nem todo princípio de delimitação do comportamento pela natureza é maléfico. Existe o karma benéfico e o maléfico, o karma positivo e o negativo, mas o fato é que o karma prende o indivíduo humano no cenário natural no qual ele existe e tende a limitar a própria individualidade e a personalidade ao cenário em que ele existe.

Além disso, existe um outro princípio no sujeito, que é um princípio de liberdade e que todo mundo experimenta de vez em quando que mais do que a sua vida, é mais do que o conjunto de relações entre seu corpo e o cenário no qual ele existe.

Outra experiência é quando o sujeito percebe e se pergunta como a vida dele ficou tão pequena. Quando o sujeito percebe isso é porque ele está percebendo nele mesmo um princípio de criatividade ou liberdade. Esse princípio de liberdade só encontrará sua satisfação, sua finalidade no livre exercício de uma ação semelhante a Deus. Esse princípio de liberdade ou criatividade está, para a sua biografia pessoal ou pra sua individualidade como um todo, como Deus está para o mundo. É uma proporção exata, ele é como um mini-Deus para sua própria biografia.

São Francisco na precisava viver no evangelho literalmente já Santa Tereza não precisava ir para um mosteiro só para rezar e assim por diante. Se o sujeito já está na terceira morada ele pode, vendo uma ação, um santo ou um objeto da natureza, olhar e perceber o que esse objeto ou essa ação ou essa pessoa fala para o mundo. As coisas falam para o mundo, elas representam algo, elas têm sentido. É o mesmo que o meu eu mais íntimo fala para mim.

Vocês já devem ter notado que em vocês tem duas vozes internas, uma voz que é a voz do mundo e outra que é a voz do eu. Nenhuma delas é intrinsecamente má.

Às vezes aprendemos que a moralidade aparece para nós como a voz do mundo. O sujeito quer fazer as coisas de um jeito, mas sente que deve fazer de outro. Esse sentir que deve fazer de outro jeito podem ser inúmeras coisas: pode ser que o sujeito sente que deve fazer diferente porque se fizer da forma que quer vai ter problemas; e o outro é o jeito que as pessoas, o mundo e a sociedade esperam, ou simplesmente pensam que esse o jeito natural de fazer as coisas e se perguntam por que quer fazer diferente.

A voz do mundo pode representar uma vontade perversa ou uma vontade natural e legítima, do mesmo jeito a voz do eu que pode representar uma vontade perversa ou uma natural e legítima. Se o sujeito encontrar nessa voz do eu o que ele quer para o mundo, não vai se tratar do que ele quer para o mundo e que os outros tem que fazer, mas algo que ele faça, que ele realize o que ele quer para o mundo e que simultaneamente Deus quer para o mundo. Vai ser o que o sujeito quer para a biografia dele que é análogo ao que Deus quer para o mundo. É encontrar algo que é impossível de dizer se é Deus que quer aquilo ou o sujeito que quer aquilo. É encontrar algo que é o que o sujeito quer, não vem de fora, não é como uma obrigação de rezar, mas é em uma certa medida voz do mundo. Quando o sujeito se obriga, é uma voz que foi introjetada, pode ser legítima, natural e boa, mas ela não necessariamente diz o que você quer.

A chave da quarta morada é o sujeito pensar nas coisas que ele quer e achar dentro delas a que Deus quer. Se a pessoa achou algo que ela quer fazer e que não é perverso é sempre muito bom, a contribuição dele para a humanidade será positiva. Quando o sujeito se dedica a essa obra, se ele se relaciona com as pessoas e se dedica a essa obra, às vezes as pessoas pensam que ele é santo.

As pessoas têm essa nítida impressão de que se o sujeito não é santo ele está quase lá. Mas não é que ele está quase lá, é que naquela obra existe uma santidade. A santidade daquela obra ainda não define a pessoa como um todo, mas naquela obra existe uma santidade, tem uma presença uma ação divina.

A questão aqui é gradativa, o sujeito pode estar fazendo o que quer e é o que Deus quer, mas está vazando um pouco, um pouco de sangue está sendo perdido, ou aquela obra está sendo feita estritamente por Deus, então depende. Quando uma pessoa boa descobre o que ela quer fazer e a obra não é perversa, porque o sujeito pode descobrir algo que ele quer fazer e é perverso, essa obra sempre tem um caráter semi-divino.

Aluno: Sem o dom de Deus ele não faria.

Professor: Não, não faria.

Aluno: Não é o caminho da santidade necessariamente.

Professor: Não, porque para que seja o caminho de santidade primeiro tem que ter essa consciência muito clara.

Quando um sujeito está se dedicado a uma obra intencionalmente, no sentido da quarta morada, as pessoas que o vêem fazendo aquilo ficam na dúvida se ele é meio santo ou é meio anjo. Não é que elas tenham essa impressão constantemente, mas às vezes elas têm. Se o sujeito falar que ainda está muito longe de ser santo os outros pensam que ele fala isso porque é humilde, mas não é, é porque aquela obra tem santidade e aquilo é como um alimento pra santificação daquele sujeito, mas não é santidade ainda. Não é santidade porque ainda existem elementos no sujeito que podem vir a impedi-lo de realizar aquilo um dia.

Quando São Francisco decidiu que imitaria o evangelho, ele não estava santo ainda. A qualquer momento ele podia voltar atrás naquilo. Chega uma hora em que ele não pode mais voltar atrás, aquilo tomou o ser dele, isso é santidade. No sujeito que é santo, o eu dele já abarcou e transcendeu a biografia futura dele. O santo é o sujeito cuja vida já foi completada, não tem como voltar atrás porque para ele, a vida dele já aconteceu.

No sujeito na quarta morada não é assim, a vida futura dele ainda não aconteceu. Como é uma decisão livre, ele ainda pode voltar atrás.

Aluno: Santa Tereza está sempre falando em relação aos estágios que ela encontrou enquanto orava.

Professor: Em Santa Tereza as moradas aparecem como modos de oração porque essa era a obra para a qual Santa Tereza se dedicava.

Um jeito de sabermos isso é começar a fazer uma lista das coisas naturais, dos objetos da natureza que te agradam imensamente.

Por exemplo: algumas pessoas gostam do vento, algumas gostam do céu, outras gostam da grama ou rios ou fogo. Você tem que pensar quais são as que desde

criança lhe chamavam a atenção. Essas coisas são como que imagens naturais do que a gente é. Façam uma lista assim e quando falarmos dessa mesma passagem no rosário podemos ver dos objetos dessa lista o que cada um indica. Você vai perceber o que o seu coração fala para o mundo. O que essa coisa fala para o sujeito é o que o coração dele fala para o mundo. Como essas coisas são muito sutis, não é possível falar claramente delas em qualquer momento. Procurem fazer essa lista, ou das ações dos santos ou das pessoas dos santos, não necessariamente os que vocês mais simpatizam, mas aqueles que são os mais interessantes os mais intrigantes, aqueles que de um modo ou outro capturam a nossa atenção. Quando descobrimos isso, descobrimos exatamente o que queremos fazer.

Eu posso dar um exemplo da minha própria história: desde pequeno eu adorava fogo, eu fazia fogueira todo dia. Muito tempo depois um monge do Mosteiro de São Bento me explicou isso, porque ele conhecia Santo Alberto e eu não, e ele falou que eu gostava do fogo porque o fogo era eu e eu era o fogo, o que o fogo falava eu também queria falar. Então ele me explicou que o fogo queima e destrói as coisas, e o fogo aquece. Isso é o seguinte, quando o fogo queima, ele não destrói realmente as coisas porque as coisas são como elas existem em Deus, então ele destrói a aparência delas, e o que eu queria fazer da minha vida era isso: queimar ilusões e aquecer os corações das pessoas. Quando faço isso eu sou eu mesmo, eu sou a pessoa que eu queria ser.

Aluno: E o mar?

Professor: E o mar, para que o mar serve? O que o mar faz? O mar é fonte de vida. O que você sente quando vê o mar?

Aluno: Eu sinto uma ligação, uma emoção como se fosse parte de mim aquilo ali.

Professor: O que o mar fala pra você?

Aluno: Ele me enche de vida, como se eu voltasse para o centro. Professor: Comece a olhar o mar e pensar: “O que o mar faz? O que o mar

oferece para mim?” Porque eu também quando olhava o fogo sentia uma afinidade, um fascínio, eu nunca me perguntava o que o fogo falava para mim que estava me fascinando, porque eu só sentia o fascínio, mas quando o monge falou isso eu comecei a olhar o fogo com esse intuito. Aí você vai perceber que as coisas falam e algumas coisas falam conosco, falam algo para nós. Isso que as coisas falam para nós é o que nós queremos falar para o mundo.

Aluno: Mas é difícil isso.

Professor: É um pouco difícil. Na verdade não é que é difícil, tudo depende do momento, ninguém segura o Espírito Santo. Não funciona assim. Se eu simplesmente tivesse lido isso sobre o fogo em algum outro momento não teria tido sentido nenhum, eu não teria ouvido nada ali. O monge me falou no momento que o espírito estava lá e ele sabia disso.

Na quarta morada, quando o sujeito descobre que o espírito não pode ser contido por uma forma criada, que o espírito se comunica por meio dessas formas, ele as atravessa e é por isso que ele é chamado espírito, ele descobre que pode fazer disso a sua vida.

É preciso perguntar a Deus quem você é e o que você pode fazer por Ele. Para quem pede é dado. O que acontece é que não temos uma necessidade íntima disso, podemos até ter uma inclinação íntima profunda para isso e numa certa medida todo mundo tem. Essa aspiração existe em todo mundo num grau ou em outro, mas não existe uma necessidade, não é algo que se o sujeito não fizer, ele sabe que vai morrer. Se ele não fizer, vai continuar vivendo. Então temos que pedir.

Um dos sinais de que o sujeito está fazendo isso é que muitas vezes temos dúvidas se o sujeito é santo ou não, isso é muito comum. É por isso que se formos a bons mosteiros, onde se tem um número suficiente de pessoas fazendo isso, as pessoas pensam que todo mundo ali é santo. Não é que todo mundo é santo, a maioria das pessoas que estão ali não são, mas um grande número de pessoas ali estando na quarta morada dá uma forte impressão de santidade porque de fato há uma intensa presença divina no lugar.

O ser humano não se reduz a apenas esse princípio de liberdade, ele é também um princípio de contenção, um princípio de mecanismo natural, isso que dizer que somos uma parte do cenário e para nos tornarmos santos mesmo é preciso que transcendamos essa parte do cenário.

Esse princípio de criatividade é, de fato, análogo a Deus, mas o princípio de compressão é dessemelhante de Deus que não é de modo algum comprimido por algo fora dele. Isso que dizer que num certo sentido Deus e o homem são contrários, o que Deus é, nós não somos e o que somos, Deus não é, e é aí que entra a quinta morada.

Por mais que você se dedique a uma obra santa, essa obra santa, embora possa vivificar todos os elementos da sua vida, não pode transformar todos os elementos da sua vida e também não pode eliminar da sua vida tudo o que é contrário a Deus, porque isso significaria, num certo sentido, eliminar a sua própria vida física. Para que o sujeito fique santo, um passo depois de ele se dedicar intensamente a uma obra que é santa, ele vai ter que vencer nele todos os elementos que são contrários a Deus, isso quer dizer que tem que vencer todos os instintos dele.

Essa quinta morada é especialmente complicada, pra ter uma idéia do quanto ela é complicada, todos os cinco mistérios dolorosos correspondem à quinta morada. São cinco mistérios para uma única morada, e é aquela que Santa Tereza dizia que dificilmente as pessoas passam dessa porque o que é exigido aqui é imenso, é a paixão de Cristo inteira.

A vida de um sujeito na quarta morada é como a vida de um apóstolo, é uma vida até bastante feliz porque ele tem Cristo ao lado dele dizendo para ele qual é o caminho. Ele está feliz por estar fazendo aquilo porque é justamente o que ele sempre quis fazer e não sabia. De repente Cristo diz que, agora para onde Ele vai, o sujeito não pode ir e isso é para o sujeito como tirar tudo dele.

Se Deus apareceu para o sujeito como um modo dele mesmo, porque é isso que aconteceu na quarta morada, o sujeito descobriu algo nele mesmo que não é realmente separado de Deus e, portanto, ele conheceu Deus de um novo jeito. Ele conheceu aquilo no qual ele e Deus são o mesmo e agora ele tem que conhecer aquilo no qual Deus e ele são contrários.

A melhor maneira de simbolizar isso é a morte, ninguém quer morrer, ninguém quer a morte, então a quinta morada vai aparecer para o sujeito justamente como uma oportunidade muito ocasional de aceitar algo que é completamente o contrário a ele mesmo porque é o que Deus quer.

Se a quarta morada já era difícil de conceber abstratamente porque ela envolve um elemento de inspiração direta, a quinta envolve uma inspiração ainda mais sutil do Espírito Santo. Embora seja possível falar que a quinta morada refere- se a algo que tememos, de um modo geral vai aparecer como uma oportunidade de fazer algo que você teme por Deus.

Por exemplo: no caso de São Francisco era beijar o leproso, naquela hora São Francisco morreu, ele realmente morreu. Naquela hora ele olhou para dentro dele mesmo e viu que tudo nele era contrário a isso e que a única parte que admitiria isso é aquela obra santa que ele já está fazendo, mas aquela obra santa não exige que ele faça isso.

O Livro Tibetano dos Mortos descreve isso. Fala que nesse estado, nessa hora, Deus aparece como uma escuridão inflexível, como morte mesmo.

Se existe um sentido em que Deus é comparável à vida, se o sujeito pode falar que Deus é vida ou “Deus é minha vida”, Deus também pode aparecer para o sujeito como morte. Se existe analogia entre a vida orgânica, a vida do corpo e Deus, existe também analogia entre a morte do corpo e Deus. A vida orgânica, a observação e a apreciação da sua própria vida física explica algo de Deus.

Porque nós amamos nossa vida?

Porque ela parece Deus, porque ela fala algo de Deus para nós. Mas se a vida fala algo de Deus ela não fala tudo, isso quer dizer que o que ela não fala só a morte pode falar.

Aluno: Quando Abraão tem que matar o filho.

Professor: Exatamente.

Aluno: É pior do que a morte.

Professor: Não há nada pior do que a morte.

Aluno: Eu prefiro morrer a matar um filho.

Professor: Porque quando você pensa em matar um filho você pensa que algo de você continuará vivendo se você morrer, que é o filho. Se você comparar a idéia de matar um filho e a idéia de morrer, você verá que o filho continuará vivendo e o filho é algo, é você, então você não morreu completamente. Deus é uma morte mais morte do que a morte. Quando você escolhe morrer e seu filho continuar vivendo, veja que o corte não é total, você não foi totalmente contrário a você mesmo. Isso quer dizer que quando você pensa morrer assim, você não está pensando morrer, você está pensando no seu filho viver. A intenção dessa morte, não é você morrer, é o seu filho viver.

Aluno: Então matar o filho é a própria morte.

Professor: Exatamente, essa é uma ruptura total, isso é morte.

Aluno: Não é porque é matar o filho, é porque matar o filho é a própria morte.

Professor: Exatamente, morrer fisicamente e o seu filho ficar é menos morte do que matar o filho. O sujeito percebe que se fizer isso ele acaba, não tem retorno.

É isso que significava pensar no leproso pra São Francisco.

São Francisco era uma pessoa de sensibilidade estética extremamente aguçada, era um sujeito que amava música, amava a beleza e de repente ele tem que beijar o leproso, e quando ele pensou em beijar ele não pensou em fechar uma parte dele para o beijo, ele inteiro beijaria o leproso e aí ele deixou de existir. Morreu um eu que na verdade não era eu.

O fato é que existe algo que é não-eu e que nós chamamos de eu porque contribuiu para a construção dessa identidade pessoal, é o seu eu kármico que você abandona.

Aluno: Parece a morte.

Professor: Exatamente, é uma ruptura total com o mecanismo do mundo e é por isso mesmo que isso é na verdade a porta para o outro mundo, é Deus como porta para o outro mundo.

Aluno: Mas ele quando foi beijar, ele sabia que tinha que beijar.

Professor: O sujeito olha e sabe que aquilo é Deus. Isso é como São João e a Virgem, que no cristianismo, viram a morte do Cristo assim. Para São João e para a Virgem, a morte do Cristo era pior do que a morte física deles. Quando eles viram a morte do Cristo foi o eu mais profundo deles que morreu ali, foi perder tudo. Isso é o sentido da celebração da Paixão de Cristo.

Porque temos que ler o evangelho até chegar à Paixão e acompanhar a paixão?

Enquanto você vai lendo tem que ir pensando “quem é esse sujeito? O que ele é para mim? O que ele é para a humanidade?” até você sentir o Cristo tal como ele é e aí acompanhar a morte dele, isso aí é você reproduzir ritualmente esse processo. Você sente o horror e fica sempre a pergunta “para quê? Porque você quer isso de mim, meu Deus? Qualquer coisa, menos isso”. Esse qualquer coisa menos isso é a quinta morada. Naquela hora o sujeito sabe que aquilo é Deus.

Quando São Francisco viu o que tinha que beijar o leproso, ele sabia que o leproso era Deus. Para o eu, que é o mecanismo do mundo, Deus aparece como destruição. Para aquilo que em nós é destrutível Deus aparece como destruição, é por isso que as coisas morrem. A morte é o Deus delas, a morte é Deus como ele aparece para as coisas físicas.

Quando Abraão foi sacrificar o filho, para ele aquilo era a morte, isso é uma ruptura absoluta.

É extremamente difícil avançar na quinta morada porque Deus não apresenta essa oportunidade para todo mundo, ele apresenta essa oportunidade poucas vezes

porque ele sabe que a morte é algo difícil para os seres, e ele sabe que uma hora eles vão morrer e que a morte física pode ocasionar esse processo.

Se o sujeito estava na quarta morada e ele morre a morte física pode ocasionar esse processo, ela pode servir justamente como passagem. É uma ruptura total do sujeito com quem ele era até então.

Existem em nós elementos que são mortais e eles morrerão de uma maneira ou de outra, cedo ou tarde. Enquanto a nossa identidade pessoal está presa a eles nós não estamos completamente abertos e livres para Deus, embora, em última análise, a identidade humana seja imortal. A nossa pessoa se identifica com os elementos mortais também, a nossa pessoa inclui os elementos mortais.

Parte III

Professor: Embora a perspectiva da quinta morada possa parecer assustadora, a verdade é que a quinta morada ela termina como um problema para o ser humano, como todas as moradas, que é o problema da nossa própria mortalidade. Não tem alguém que não hesitaria diante da morte. Depois da quinta morada, não existe morte para esse sujeito, ele já morreu. A verdade é que a quinta morada pode assustar e nos fazer pensar que esse negócio de vida espiritual talvez não valha a pena, mas a verdade é que o que chamamos de morte na quinta morada é só a face externa de Deus, e não a face interna. E mais ainda, "sempre tem um cordeiro na moita", como dizia um padre amigo meu, e ele se referia justamente à passagem de Abraão. Quer dizer que quando Abraão vai sacrificar o filho, na verdade existe um cordeiro na moita pra ele sacrificar. Isso que quer dizer, quando fala nas escrituras que "Deus não quis a morte, e a justiça é imortal". Essa morte da quinta morada simplesmente revela para o sujeito o elemento imortal dele.

Aluno: Ter o cordeiro ali quer dizer que existe uma saída?

Professor: Exatamente. Quer dizer que você não vai morrer realmente, mas vai morrer alguma coisa que não era você. É a morte de um engano. É como São Francisco, quando teve que beijar o leproso, ele pensou que se beijasse, ele morreria, e de fato ele morreu, mas o que morreu, não era ele.

É como uma criança com medo de escuro. Ela tem medo do escuro, porque ela pensa que o escuro é alguma substância, ou uma coisa, que ele contém alguma coisa, mas o escuro não é nada, não tem substância própria.

Depois que São Francisco beijou o leproso, ele não perdeu nada. É como quando Cristo morreu na cruz. Quando ele morreu na cruz, o que ele perdeu de verdade? Não perdeu nada. Ele continuou sendo exatamente o mesmo que ele era.

Essa perspectiva é assustadora, mas na verdade isso é um elemento psicológico. Essa morte é menos que uma renuncia concreta. Como quando o sujeito faz um voto de pobreza. Esse voto é uma renúncia real. O sujeito que faz um voto de pobreza perde alguma coisa. Qualquer renuncia completa é realmente mais do que essa morte. É isso que torna tão desproporcional a quinta morada. O sujeito realmente não perde nada, mas para ele parece que é uma perda e é justamente dar esse salto, ou seja, saltar para além da aparência das coisas, que conduz a sexta morada.

A sexta e a sétima morada são como São Tomás de Aquino diz: "embora elas sejam um trabalho espiritual, elas tem mais a característica de uma recompensa do que de um trabalho". Como o sujeito efetivamente morreu na quinta, a sexta e a sétima são simplesmente um estágio na direção da ressurreição. Veja bem, um morto não tem que fazer nada, sobre um morto não pesam deveres. Isso quer dizer que a sexta e a sétima morada surgem como reverberações da quinta e elas dependem apenas de atenção. Se o sujeito se libertou dessa aparência na quinta morada, na sexta ele vai ter a oportunidade de perceber Deus, perceber o Deus de Abraão. A sexta morada é o sujeito alcançar, em relação à idéia de Deus, a plenitude do estado humano.

As nossas idéias acerca de Deus são muito menos do que o que o próprio Deus é. Elas não correspondem a Deus, ou pelo menos correspondem de modo muito inadequado. A idéia que Abraão tinha de Deus corresponde a Deus, no sentido de ele conhecer o bastante de Deus para saber o que ele não podia saber acerca de Deus. Na sexta morada algo se limpa na consciência do sujeito e a sua idéia de Deus passa a ser limpa. É como se ele tivesse um receptáculo transparente que permite ver a água como ela é, ou pelo menos ver da água aquilo que é visível dela intrinsecamente. Isso vai levar o sujeito a perceber Deus como sentido da existência.

Na sexta morada, o que se revela para o sujeito?

O sentido do mundo, porque existe o mundo, porque existem todas as coisas.

Aluno: Os santos passam boa parte da sua vida enfrentando o mal.

Professor: Até a passagem da quinta morada, o único trabalho dos santos é enfrentar o mal. Da sexta morada em diante, você vai simplesmente testemunhar o

trabalho que Deus está fazendo, você vai ver o que Deus está fazendo, e este ver é o seu trabalho. Quando nós falamos ver, imediatamente nos referimos ao ato de ver, que é um ato passivo, mas a contemplação, nesse sentido, é uma atividade muito mais ativa do que agir, decidir, se esforçar. É como prestar atenção em algo. Prestar atenção é muito mais difícil do que simplesmente ver as coisas.

Aluno: Dos santos que nós estudamos, os cinco, Santo Antão, quando ele estava dentro da caverna ele estava ainda na quarta ou na quinta morada?

Professor: Não exatamente. Santo Antão quando foi para a caverna, ele já estava santo. Imagine que você já é santo. Quando você olha pra dentro de si, você vê Deus e quando você olha para o mundo, você vê Deus. Vamos supor que em tudo você vê a presença de Deus, e essa presença é, para você, mais real do que as outras coisas. Assim é a vida do santo. Veja bem, quando nós falamos que alguma coisa é Deus, é como uma pessoa. Você conhece essa pessoa, conhece o temperamento dela, a personalidade dela, mas sempre tem algo mais para conhecer naquela pessoa. Agora imagina Deus, Deus é infinito. Se existe uma viagem do homem para Deus, existe uma viagem do homem em Deus, porque Deus é infinito. Se não fosse assim, se Deus não fosse infinito, a santidade não seria algo tão interessante. Quando o sujeito fica santo, ele percebe que tudo o que existia era muito pouco, mas o que ele vê agora é um universo muito maior, uma existência muito maior, que é Deus. O sujeito que acabou de ficar santo é como uma criança que acabou de perceber que existe o mundo. O bebê quando começa a engatinhar começa a colocar as coisas na boca, pois quer experimentar tudo, e da mesma forma é com o sujeito que ficou santo, E olha pra Deus e percebe que quer experimentar tudo de Deus e saber tudo sobre Ele.

Aluno: Aí vem aquele monte de demônio, pra enfrentar em nome de Deus?

Professor: Claro, porque eles mostram algo de Deus. Tudo mostra alguma coisa acerca de Deus, para quem já é santo. Se aqueles demônios aparecessem para um sujeito que não é santo, ele enlouqueceria, no mínimo. Veja, ninguém é tão especial, algumas pessoas são mais capacitadas do que outras, mas ninguém é tão bom, é tão especial que pode ver o inferno e agüentar, mas um santo já não é mais somente uma pessoa. Um santo é quase Deus na terra. Um santo é uma porta entre Deus e um homem. Então, para ele, enfrentar os demônios é o mesmo que ver o que Deus faz com os demônios.

Depois que o sujeito ficou santo, existem graus de santidade. Quando aconteceu a Paixão de Cristo, os onze apóstolos eram santos, mas só um ficou olhando, porque ele era mais santo. Não existe limite para santidade e é por isso que a vida eterna é eterna. Quando o sujeito está unido a Deus, o mundo também está. É como se você estivesse diante de possibilidades infinitas. Cada objeto, cada árvore, cada folha tem um novo significado para o sujeito que é santo. Quando o Cristo fala para Santo Antão que ele é grande, Cristo está se referindo a um grau de santidade muito além da sétima morada.

Lembram quando São Paulo fala que ele subiu ao terceiro céu? Ele está se referindo aos graus de santidade. Os céus são graus de santidade.

Um santo é um sujeito que está entre o céu e a terra. Ele é de fato o cruzamento de céu e terra. Os céus aparecem para os humanos como anjos e demônios.

O inferno é o céu e o céu é o inferno. Eles não são duas realidades diferentes, mas dois modos de experimentar a mesma realidade. Nós representamos como dimensões opostas porque céu e inferno são direções opostas da experiência humana, mas isso é só uma representação, não quer dizer que são coisas diferentes.

Por exemplo: norte e sul são duas direções em relação a um ponto, mas é uma linha só. Em relação a nossa posição existem duas direções, mas é uma linha só. Simplesmente, essas duas dimensões aparecem de maneira oposta, para pessoas com disposições opostas. O sujeito que é mal, ele sente o mal que ele faz como um bem para ele, no entanto não deixa de ser mal. Céu e inferno são a mesma coisa. O inferno é Deus aparecendo como mal para a pessoa.

Aluno: É o sujeito não enxergando Deus na sua plenitude.

Professor: É como duas coisas que são de natureza contrária. Você pode experimentar Deus como sofrimento eterno ou como felicidade eterna. Depende se intimamente você tem afinidade com Deus ou não. Claro que essa afinidade foi criada por um processo de avanço espiritual, e se você não tem, quando você olhar Deus, você vai odiá-lo. Esse é outro motivo pelo qual as pessoas não podem se perguntar por que Deus não fala com elas, se Ele é tão bom, porque Ele não aparece para elas. A resposta é que se Ele aparecer para elas, Ele será o inferno.

Aluno: Mas para uma criança...

Professor: Para uma criança, Deus aparece muitas vezes. Porque ela mesmo enquanto indivíduo não está consolidada. A criança tem uma disposição passiva para isso. Mas exatamente porque ela não está consolidada é que as experiências não têm como afetá-la definitivamente, essas experiências não vão definir o ser dela.

Aluno: Mas ela não precisa de uma iniciação espiritual para ver como morrer.

Professor: Não, ela não precisa.

Aluno: Ela pode ver Deus, ela pode ver o bem.

Professor: Não. Quando uma criança inocente morre, uma criança muito pequena... Veja bem, nós não somos assim tão inocentes. Desde pequeno nós já começamos a ser um pouquinho mau. Quando uma criança inocente morre, ela é recebida por Deus e ela vai para um estado no qual ela vai se desenvolver.

Aluno: É por isso que eu digo que ela não precisa de uma iniciação espiritual.

Professor: Porque ela vai receber uma iniciação espiritual. Quando uma criança morre, ela não vai direto para o paraíso. Ela vai para um estado beatífico que é perfeitamente agradável, e no qual tudo que acontece ensina para ela o caminho espiritual e ela vai ficar naquilo até atingir maturidade espiritual, porque criança é, por definição, um ser incompleto, e um ser incompleto não pode estar no paraíso.

Aluno: E as pessoas muito ingênuas, o que acontece quando elas morrem?

Professor: Depende. Elas podem ir para um estado semelhante a esses das crianças, um estado pacífico e beatífico, mas que ainda não tem contemplação divina, e você vai se desenvolver e até os santos e anjos se manifestam nesse estado, ou podem ir para o purgatório, que é um estado de sofrimento, mas que vai conduzir à mesma coisa.

Se o sujeito estava na primeira morada e adquiriu pobreza de espírito, e adquirir pobreza de espírito significa ele não saber o que é bom para ele, se ele morrer nesse estado, é impossível ele ir pro inferno. E é por isso que diz nas escrituras: "Bem aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus[2]". A primeira morada já garante o reino dos céus, mas não imediatamente. Quando o sujeito morre, ele não vai para o paraíso, ele vai para um estado que terminará no paraíso.

Aluno: Quando uma pessoa morre, e vai para o purgatório, ou para o limbo, o que nós podemos fazer por ela?

Professor: Você pode oferecer os méritos das suas ações para ela, pode pedir os méritos dos santos para ela. Embora aquele indivíduo seja apenas um indivíduo e ele seja responsável pela biografia dele, nós somos partes um dos outros. Não existe uma separação total e absoluta entre um ente e outro. Se existisse essa separação, nós não poderíamos nem conceber aquele ente, nem perceber que ele existiu ou sentir algo por ele. Se nós sentimos algo por ele, algo dele está em nós e algo de nós está nele. Então, se nós fazemos alguma coisa aqui, alguma coisa muda para ele lá. Da mesma forma que nós podemos pedir pelos vivos, podemos pedir pelos mortos, através da oração, através da dedicação das boas obras. Você pode dar uma esmola e que o mérito dessa esmola vá para uma tal pessoa. Nós podemos dedicar qualquer obra aos mortos.

Uma das conseqüências da quinta morada é o sujeito saber que os seres estão contidos um nos outros.

Aluno: Mas a pessoa que está lá, ela percebe o que acontece aqui?

2 A passagem encontra-se no evangelho de Mateus, capítulo 5, versículo 3.

Professor: Não. Normalmente as pessoas que estão mortas não percebem o que acontece neste mundo, a não ser por uma graça sobrenatural. Normalmente elas não percebem, mas elas recebem o alívio.

Aluno: Mas os santos sabem que você está pedindo pra eles?

Professor: Os santos sabem, mas por um dom sobrenatural e por isso que ele é um santo. Você pode pedir aos santos, e eles podem ir até aquela pessoa. O menos não pode o mais, mas o mais pode o menos. Se um santo pode estar no céu, ele pode estar no purgatório também, e pode estar aqui.

Aluno: O santo tem o dom da onipresença?

Professor: Veja bem, o santo atingiu a união com Deus. Então, quando nós falamos que o santo pode estar em todos os lugares, num certo sentido sim, e num certo sentido não. Ele não vai estar atualmente onipresente como Deus, mas ele é potencialmente infinito. Do mesmo jeito que Deus é atualmente infinito, um santo é potencialmente infinito. Então, um santo estará onde quer que ele seja chamado.

Aluno: Todos fazem a oração de Maria o tempo todo, então para ela é uma trabalheira.

Professor: Isso é uma trabalheira quando nós consideramos os recursos humanos. Uma vez perguntaram para Santo Alberto se um santo é onisciente e ele respondeu que não, que um santo sabe tudo o que precisa saber. Ele é potencialmente onisciente.

Até onde se estende o conhecimento de um santo?

Até onde ele precisa, ou quer realmente. A oração aos santos é legítima justamente por esse elemento de divindade que há no santo.

Aluno: Todos os santos passaram, necessariamente, pelas sete moradas? Professor: Passaram sim, necessariamente.

Aluno: E coube a ela [Santa Teresa] descrever melhor isso tudo?

Professor: Exatamente. Isso é o que destaca Santa Teresa de outros santos. Deu pra perceber como funcionam as coisas com os santos?

Quando um santo olha para si mesmo, ele vê que não consegue fazer as coisas, mas quando alguém vem e pede para ele, ele faz. Se você perguntar para ele como a coisa aconteceu, ele vai dizer que foi Deus quem fez.

[Alunos fazem comentários]

Esse tipo de experiência que o sujeito pode ter com ele mesmo, é perfeitamente análogo ao estado da sexta morada. Só que na sexta morada é como se o sujeito percebesse que todos os objetos do mundo são reais, na verdade não são reais. Do mesmo jeito que ele fala que não é ele que é corajoso. Aqui tem uma não-coragem e, no entanto a coragem acontece, pois algo a faz. O sujeito na sexta morada percebe que as coisas não são, no entanto algo as faz, algo as torna presentes e reais. Isso é Deus.

Aluno: Ele já não cai mais em tentação.

Professor: Exatamente. Nada pode atraí-lo aparte de Deus, porque ele sabe que as coisas não existem aparte de Deus. É como ele perceber que as coisas são o nada do qual Deus as cria o tempo todo, mas elas estão presentes, porque algo as torna presentes o tempo todo. Aliás, isso é um tremendo exercício espiritual. Se o sujeito parar para pensar nisso, o que está operando nele naquele momento é Deus.

Em última análise, tudo que nós fazemos acontece de jeito, mas na maior parte das vezes nós não percebemos que houve esse salto. Às vezes nós fazemos uma coisa e pensamos que não é possível termos conseguido, mas é só parar para pensar e ver que tudo é assim, porque as coisas não tem consistência própria, não tem existência intrínseca. A existência delas é vinda de outro, é extrínseca o tempo todo.

A experiência da sexta morada é a experiência de toda realidade contingente como um vazio que recebe um ser o tempo todo. Então, nós falamos que Deus é como uma luz e essa luz abarca o espaço na medida em que existe espaço. Deus é assim. Até isso é um pouco menos do que o que Deus é.

Quando o sujeito percebe isso, de fato, nada oferece tentação, mas ainda existe um salto que ele pode dar, que é a pergunta: "o que é este vazio que recebe isso, o vazio que recebe a existência?"

Embora esse vazio, esse nada seja desprovido de substancialidade, seja desprovido de qualquer caráter positivo, ele é um conceito na sua mente. Então, por exemplo, um bombeiro que fala que não é ele que tem coragem. De fato não é ele, mas é ele que entra no prédio para salvar alguém. Nós estamos tratando aqui de dois princípios: um que é um não ser e que recebe um ser. Na sexta morada esses dois princípios são percebidos e sentidos como dois princípios distintos, um princípio de ser e um princípio de não ser. Na sétima morada o princípio de não ser é reduzido ao princípio de ser, ou melhor, esses dois princípios são reduzidos a um princípio comum.

Por exemplo: Existe aqui uma treva e Deus é a luz que ilumina essa treva. Essa treva é um não Deus. Então, nós podemos entender assim tanto a treva, quanto a luz que ilumina a treva tem um princípio em comum, que transcende treva e não treva, que está além dessa dualidade. Esse princípio comum é o que Deus é realmente. Conhecer esse princípio comum é conhecer-se como esse princípio comum. Neste princípio comum, treva e luz são o mesmo.

Para nós explicarmos um pouco melhor, basta nós distinguirmos o conceito de essência e existência.

Por exemplo: Você é um ser e você tem uma série de capacidades porque você é. Você tem a capacidade de ver, a potência ativa para ver. Para que essa potência ativa de efetive, tem que existir no mundo a potência passiva para ser visto. Então, nós temos três conceitos aqui:

a) o ser;

b) a potência ativa;

c) apotênciapassiva.

Na sexta morada o sujeito percebeu a potência passiva de ser, que é o

vazio, ou o nada que recebe um ser e a potência ativa, ou seja, a força que Deus faz para as coisas serem, ele vê uma atividade divina sobre o nada, que transforma o nada em criatura o tempo todo. Ele vai para a fonte do fluxo. Quando ele descobre a fonte do fluxo, ele descobre que nessa fonte a potência passiva não é distinta da potência ativa, as duas procedem do mesmo ser.

Aluno: E os santos sentem isso em vida?

Professor: Eles sentem isso em vida sim. Aí, vale a expressão budista que diz que Deus não pode ser definido nem como eu, nem como não-eu. Deus é isso, é algo que quando você percebe não é eu, nem não-eu. Não é que o santo atribui a sua individualidade à divindade, mas ele sabe que o que ele chama de "eu" costumeiramente não é senão o aspecto "potência passiva" do próprio Deus.

O nada do qual Deus cria as coisas é Deus enquanto potência passiva. Não é algo realmente distinto de Deus.

Aluno: Já para o mundo não há mais nenhum reflexo da sétima morada, só há no próprio santo.

Professor: Claro que há um reflexo para o mundo. A única diferença é que o santo é marcado por essa experiência o tempo todo, só que nós não percebemos. É mais um experiência dele do que dos outros em volta dele, embora as pessoas que convivam cotidianamente com ele possam testemunhar isso. Basta você ler a biografia dos santos para você perceber que as pessoas que vivem com os santos acabam se dividindo em duas colunas, uma que o odeia e uma que reconhece sua santidade.

Existem santos cujo grau de santidade é tão grande que em pouco tempo diante dele você percebe isso. Em pouco tempo ele impõe sobre você um juízo. É impossível conviver com um santo e não se aproximar ou se afastar de Deus, ele é sempre um juízo. Um santo é sempre causa de ruína e ressurreição, como o próprio Cristo. É possível que o grau de santidade da pessoa não seja tão elevado ou por causa da natureza das coisas isso só aconteça se você conviver tempo suficiente com ele.

Uma outra maneira de definir um santo é dizer que o santo é um sujeito no qual o nada do qual ele foi criado não oferece nenhuma resistência a Deus. O nada do qual ele foi criado se nulificou.

Isso é realmente complicado de explicar, porque o que define o que nós somos são os modos de não ser. Nós somos modos de não ser. Ser relativo é não ser. Quando o sujeito realmente compreende isso e não se trata apenas de conceber estruturalmente, mas testemunhar isso. O sujeito que testemunhou que ele é o nada do qual Deus criou ele continua existindo. Quando ele testemunha isso, ele não se anula na existência.

O que continua então?

O que continua é o princípio criativo que tirou aquilo do nada.

Aluno: Quando Santo Antão diz: "eu O vi".

Professor: Quando ele fala aí "eu O vi", é Deus mesmo.

É como quando Cristo fala "vai e não peque mais, tua fé te curou". Quem

está falando isso? É Deus que está falando.

Por um lado a existência de um santo não é muito diferente da nossa, por um outro lado é totalmente diferente. A diferença crucial entre a vida do santo e do não-santo está no mais íntimo. O eu mais íntimo dele está em paz com Deus. Não surge nele algo contrário a Deus.

[Aluno faz comentários sobre a quarta morada]

Professor: Na quarta morada o sujeito planta uma semente para o que acontece aqui, é a atividade da quarta morada que vai alimentar a alma dele para ele chegar nisso, mas isso já é muito diferente da quarta morada.

Nós podemos fazer uma proporção entre a quarta morada e a sétima. Na quarta morada o sujeito começa a realizar uma obra que é santa. Do mesmo jeito que aquela obra especifica era santa na quarta morada, agora na sétima morada é o sujeito inteiro que é santo. Num certo sentido, na quarta morada a santidade vinha de cima, e agora ela vem de dentro, ela vem do íntimo do sujeito. Isso quer dizer que quando um santo sente tristeza, é a tristeza de Deus, e não dele.

Aluno: Está diminuindo o número de santos, não está?

Professor: Está diminuindo um pouco, claro que sim. Mas não só está diminuindo o número de santos, como estão se fechando as portas de comunicação entre os santos e os não santos. Como essas coisas não são concebidas ou representadas claramente para as pessoas, Deus não pode aparecer de um modo que as pessoas não concebam e com a santidade é a mesma coisa. O conceito de santidade para as pessoas foi diminuindo cada vez mais até virar como um conceito de Papai-Noel, um cara bonzinho e bobo.

Quantos santos podem aparecer para as pessoas como um cara bonzinho e bobo?

Um em cada mil santos, talvez. Poucos santos podem aparecer para as pessoas como santos.

Aluno: Então ainda devem existir santos.

Professor: Existem, claro. A santidade é o sentido da existência. Sempre existem santos.

Eu vou tentar achar, para trazer na próxima aula algum texto que descreva como o santo se sente porque é muito difícil conceber isso. É muito difícil conceber um ser que é ao mesmo tempo humano e divino, que pode olhar para si mesmo e de vez em quando ver um ser humano, de vez em quando ver Deus e não confundir uma coisa com a outra e também não separar uma coisa da outra. Nós tendemos a conceber isso em separado. Deus é uma presença interna num indivíduo que é uma coisa distinta. Não exatamente. É difícil não separar e é difícil não confundir. É por isso que alguns santos geravam um instinto de adoração.

Lembram quando falava que Deus ocultou o túmulo de Moisés, senão o povo iria adorá-lo.

A verdade acerca dos santos é a fórmula que São Paulo já deu: "Não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim". É como o galho que percebeu que é um tronco.

Um santo é isso e por isso que a adoração aos santos é legítima, porque venerar um santo não é venerar um indivíduo humano é venerar a divindade que se manifesta naquele indivíduo humano.

Um santo é justamente uma porta para Deus, porque ao mesmo tempo em que ele manifesta a divindade, você lembra que ele é um ser humano. Em alguma coisa você pode tentar ser igual, porque ele não é feito de uma carne diferente da sua.

Aluno: E porque os evangélicos se opõem a isso? Porque santos são humanos, é claro, mas também são divinos.

Professor: Claro, mas você sempre pode reduzir uma coisa a outra. Deus é mais do que um santo, Ele é mais do que a totalidade dos santos. Na verdade nós sempre temos que manter uma atitude intermediária, é um equilíbrio que é difícil de ser mantido em relação aos santos.

Aluno: E essa é a restrição dos evangélicos?

Professor: Essa é a restrição. Existe um certo exagero dos católicos para um lado, eles exageraram para o outro lado, para tentar compensar.

Como nós falamos, em princípio, a leitura da Bíblia do início ao fim, e é isso que os protestantes fazem, tem a mesma natureza. É a mesma peregrinação por esses estados espirituais. A leitura dos cento e cinqüenta salmos até o fim. Essa leitura e a leitura das cento e cinqüenta ave-marias do rosário são a mesma coisa.

Esse negócio dos santos é complicado na história do cristianismo por causa do exagero para um lado ou para o outro. É difícil manter uma linha intermediária e também porque as pessoas são diferentes. Para algumas pessoas é mais fácil cair em idolatria usando uma imagem do que não usando, para outras é mais fácil não usando.

Aluno: Eu acho que isso acontece porque é difícil um ser humano na média conceber algo que ele não toca, e às vezes a idolatria parece um caminho mais curto, mas que é totalmente desvirtuado.

[Alunos fazem comentários sobre estudar a vida dos santos]

Professor: Conhecer a vida dos santos é uma arma e tanto, porque Deus é muito para nós. Os próprios apóstolos falam disso: "O Deus que é invisível, Jesus Cristo nos deu a conhecer". Quando eles viram o Cristo, é que eles passaram a entender o que era Deus. Então, ter uma referência sensível faz uma diferença e tanto.

Na verdade, essa seja talvez a principal diferença entre o cristianismo, o judaísmo e o islamismo. O judaísmo e o islamismo são muito mais tendentes ao protestantismo nesse sentido. O protestantismo é meio que um islamismo cristão.

Aluno: Mas eles aceitam a divindade de Cristo.

Professor: Sim. Toda e qualquer coisa que nós possamos chamar de protestantismo aceita a divindade de Cristo. Negar a divindade de Cristo é não ser cristão. O princípio fundamental do cristianismo é a aceitação de que Cristo é Deus. Existem algumas igrejas por aí, como por exemplo, a Testemunho de Jeová, que não aceitam a divindade de Cristo e você tem que perceber que isso não é cristianismo. Mórmon é outro que não é cristão. Para os Mórmons, Cristo era um ser humano que evoluiu ao estado divino, como um Buda.